



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RUAN LUCAS GOMES DA SILVA

A MENTALIDADE BOLSONARISTA: UMA ANÁLISE PSICO-HISTÓRICA

**CAMPINA GRANDE
2024**

RUAN LUCAS GOMES DA SILVA

A MENTALIDADE BOLSONARISTA: UMA ANÁLISE PSICO-HISTÓRICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: Relações de Poder, Subjetividade e Cultura Política.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Ruan Lucas Gomes da.
A mentalidade bolsonarista [manuscrito] : uma análise psico-histórica / Ruan Lucas Gomes da Silva. - 2024.
60 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de História - CEDUC. "

1. Psico-história. 2. Fenomenologia. 3. Psicologia das massas. 4. Movimento político. 5. História do Brasil. I. Título

21. ed. CDD 981.33

Elaborada por Talita R. Bezerra - CRB - 15/970

Biblioteca
José
Rafael de
Menezes

RUAN LUCAS GOMES DA SILVA

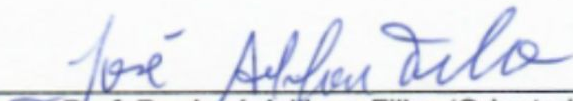
A MENTALIDADE BOLSONARISTA: UMA ANÁLISE PSICO-HISTÓRICA

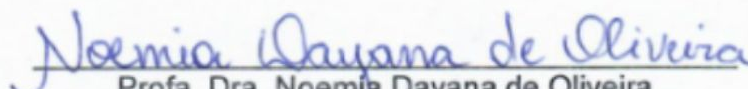
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

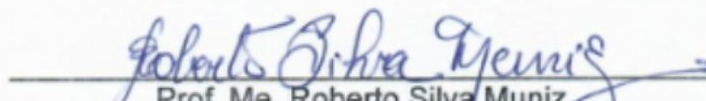
Área de concentração: Relações de Poder, Subjetividade e Cultura Política.

Aprovada em: 18/06/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Noemia Dayana de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Roberto Silva Muniz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a todos aqueles que respeitam a história do conhecimento científica e filosoficamente construído, e o veem como uma vela na escuridão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e amigos, que mesmo sem entenderem por que eu comprava tantos livros para estudar, me incentivaram a fazer o meu melhor durante o curso.

Aos professores, pelos excelentes debates e discussões que me motivaram a buscar a excelência como professor/pesquisador.

Vai achar homens desses em todas as religiões do mundo. Sabem que representamos a razão e a ciência e, apesar da confiança que têm em suas crenças, temem que derrubemos seus deuses. (*O fim da infância*, 1953, de Arthur C. Clarke)

RESUMO

No presente estudo buscamos compreender a mentalidade bolsonarista sob a perspectiva de uma psico-história, tomando como referencial teórico a psicologia fenomenológica sartreana e os estudos freudianos do inconsciente e da psicologia das massas. O bolsonarismo é um movimento político da nossa história recente, centrado na figura do Jair Messias Bolsonaro, um movimento em que seus membros seguiam seu líder quase cegamente, ignorando e hostilizando a todos que não estivessem do seu lado, os transformando em inimigos a serem combatidos, o que resultou talvez na maior polarização política da história do Brasil. O movimento intrigou aqueles que não faziam parte do mesmo pelo seu deslocamento da realidade, criaram uma realidade paralela em que enxergavam-se como participantes de uma guerra santa, lutando para salvar o Brasil das mãos de uma esquerda diabólica que estaria corrompendo a nossa sociedade. De natureza conservadora e anti-progressista, o movimento configurou-se como uma ameaça a diversidade cultural e a “academia” e seus representantes, resgatando a teoria conspiratória do “marxismo cultural” para fundamentar a sua luta contra o mundo. Mais que um sintoma de problemas profundos em nossa sociedade, consideramos o bolsonarismo uma espécie de defesa psicológica contra uma realidade de constantes mudanças que ameaçam a ordem do mundo dessas pessoas. A tentativa de compreender a mentalidade bolsonarista nos parece também uma forma de resistência a presente tendência a relativização do saber, bem como a descrença na relevância da intelectualidade como força transformadora e desejável para a nossa sociedade. Metodologicamente, utilizamos uma bibliografia diversificada para nos ajudar a construir esta psico-história imediata, pois utilizamos história das mentalidades (Vovelle, 2004), imaginário (Sartre, 2019;2021, Wunenburger, 2007), história imediata (Le Goff, 1990), e história digital (Barros, 2022).

Palavras-Chave: psico-história; fenomenologia; psicologia das massas; movimento político; história do Brasil.

ABSTRACT

In the present study we seek to understand the bolsonarist mentality from the perspective of a psychohistory, taking as a theoretical reference Sartre's phenomenological psychology and Freud's studies of the unconscious and mass psychology. Bolsonarism is a political movement in our recent history, centered on the figure of Jair Messias Bolsonaro, a movement in which its members followed their leader almost blindly, ignoring and harassing everyone who was not on their side, turning them into enemies to be fought. , which resulted in perhaps the greatest political polarization in the history of Brazil. The movement intrigued those who were not part of it due to its displacement from reality, they created a parallel reality in which they saw themselves as participants in a holy war, fighting to save Brazil from the hands of a diabolical left that was corrupting our society. Conservative and anti-progressive in nature, the movement configured itself as a threat to cultural diversity and the "academy" and its representatives, rescuing the conspiracy theory of "cultural marxism" to base its fight against the world. More than a symptom of deep problems in our society, we consider bolsonarism a kind of psychological defense against a reality of constant changes that threaten the order of these people's world. The attempt to understand the bolsonarist mentality also seems to us to be a form of resistance to the current tendency towards the relativization of knowledge, as well as the disbelief in the relevance of intellectuality as a transformative and desirable force for our society. Methodologically, we use a diverse bibliography to help us build this immediate psychohistory, as we use history of mentalities (Vovelle, 2004), imaginary (Sartre, 2019;2021, Wunenburger, 2007), immediate history (Le Goff, 1990), and digital history (Barros, 2022).

Keywords: psychohistory; phenomenology; mass psychology; political movement; history of Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Perfil do Instagram de Jair Bolsonaro	26
Figura 2 - “Esses petistas sem cérebro”	28
Figura 3 – “O PT financia ditaduras amigas”	37
Figura 4 – Bolsonarista indignada com a esquerda	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O BOLSONARISMO SOB A PERSPECTIVA DE UMA PSICO-HISTÓRIA IMEDIATA	16
2.1 O estudo da mentalidade	17
2.2 A mentalidade bolsonarista	21
2.3 O ciberespaço como simulacro do fantástico mundo bolsonarista	24
3 A FORMAÇÃO DO BOLSONARISMO	30
3.1 O patriotismo bolsonarista	31
3.2 A massa bolsonarista	33
3.3 O bicho papão comunista	36
4 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO OU A HOSTILIDADE CONTRA A CULTURA	42
4.1 Vivendo a realidade magicamente	46
4.2 Imaginários e visões de mundo	49
5 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

Durante o mandato de Jair Messias Bolsonaro como Presidente da República (2019-2022), quase que diariamente nos deparávamos com falas, discursos e postagens em redes sociais que pareciam contrariar violentamente a realidade, como se ele estivesse falando de um outro lugar, de uma realidade paralela e/ou fantástica que só ele e seus fiéis seguidores conseguiam enxergar. Pela perspectiva bolsonarista, eles se veem de um modo que lembra a resistência que luta contra a dominação alienígena que ocorre a vista de todos, mas que apenas uns poucos percebem, no filme *They Live*¹ (1989) do diretor John Carpenter. Em um de vários momentos, esquisitos para dizer o mínimo, em março de 2022, Jair Bolsonaro teria repassado para um grupo de apoiadores no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, um texto intitulado “a única verdade”, nesse texto repleto de falas estranhas e absurdas, ele teria dito, para justificar uma possível aliança comercial com a Rússia (que era mal vista aos olhos de seus seguidores), que “só existe a Rússia, a China e a Liga Árabe capaz de enfrentar a NOM (Nova Ordem Mundial)”, e em seguida escreveu que “o comunismo tem outro nome, se chama progressismo e seu berço é a Europa” (JARDIM, 2022).

Tais alegações são condizentes com os posicionamentos de Jair Bolsonaro ao longo de sua história política, pode-se constatar que a maior parte da carreira política do atual ex-presidente é marcada por tais falas absurdas e/ou bizarras, bem como distorções da verdade e *fake news*², mas estas se intensificaram durante a

¹ No filme, um sem-teto trabalhador acaba se envolvendo com um grupo de uma resistência organizada que luta contra “eles”, aliens que vivem disfarçados entre os humanos e infiltrados em todas as esferas da sociedade, “eles” manipulam as pessoas através de mensagens ocultas em todas as propagandas e publicidades, apenas a resistência consegue enxergar essa manipulação através de óculos especiais. A história, que é uma crítica à sociedade de consumo dos anos 80, lembra a teoria conspiratória da direita brasileira, de que a esquerda brasileira se infiltrou em todas as instituições e manipula a nossa sociedade.

² “Fake news”, ou notícias falsas, eram marca registrada de Jair Messias Bolsonaro, em diversos momentos as mentiras foram apontadas por veículos da mídia e a checagem feita por sites especializados era constante. Ver mais em: Bolsonaro bate 5 mil mentiras desde 2019; #BolsonaroMentiroso e #BolsonaroDay crescem nas redes. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2022/04/01/bolsonaro-bate-5-mil-mentiras-desde-2019-bolsonaromentiroso-e-bolsonaroday-crescem-nas-redes>> Acesso em: 09/01/2024; Bolsonaro mentiu mais de quatro vezes por dia durante governo. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/mentiras-bolsonaro/#:~:text=Ao%20longo%20de%20quatro%20anos,vezes%20por%20dia%20%7C%20Aos%20Fatos>> Acesso em: 09/01/2024.

campanha eleitoral, desde que anunciou que se candidataria a presidência em 2014, e mais ainda a partir da posse, em janeiro de 2019.

Apesar de defender a lógica do mercado neoliberal, Jair Bolsonaro parece ignorar o comunismo como um sistema político e econômico, o ponto central do seu discurso é a guerra cultural, considerando o comunismo (de forma muito distorcida) apenas no que diz respeito a questões ideológicas. Nesse âmbito, ele rotula tudo que vai contra os seus gostos e ideais como socialismo/comunismo, incluindo nisto questões variadas, de caráter político, social e cultural.

Longe de serem delírios particulares, esses pensamentos e posicionamentos refletem as crenças de uma considerável parcela da população brasileira, é um misto de ignorância aliada ao senso comum do brasileiro médio. No fundo, um forte sentimento antiprogressista que tem raízes na mentalidade religiosa, que se vê ameaçada pelas crescentes mudanças sociais, mudanças essas que, no geral, visam atender demandas de grupos minoritários e historicamente excluídos: mulheres, negros, homossexuais, pessoas de outras crenças que não a cristã etc. Sentimento este, que acaba se transformando em uma grande hostilidade contra os *outros*.

Alguns desses pensamentos serão analisados no decorrer deste trabalho, entretanto, Jair Bolsonaro não é o nosso principal objeto de estudo, o objeto de estudo aqui é a “mentalidade bolsonarista”, bem como a massa bolsonarista, da qual consideramos Jair Messias Bolsonaro apenas uma manifestação. Seguiremos então aquele caminho que F. Nietzsche argumentou contra, o tipo de história que pretendemos fazer aqui é uma história que tem em foco as massas, que toma os “grandes homens” como uma “bolha de ar que se forma nas espumas das ondas”. Todavia, duvidamos que F. Nietzsche (ou qualquer outro intelectual de quaisquer épocas) pudesse considerar Jair Bolsonaro um “grande homem”, mas é assim que ele era visto pelos bolsonaristas.

As falas e posicionamentos de Jair Bolsonaro chamavam e ainda chamam a atenção da maioria das pessoas (minimamente lúcidas) pelo seu caráter obviamente absurdo, mas que ainda assim surtiam efeito em um grande número de pessoas, e eram tidas por essas como uma espécie de verdade que apenas a figura do Jair Bolsonaro tinha coragem de falar, a ponto de criar-se um pacto de ignorar notícias externas, da “grande mídia” e de qualquer voz que não parecesse pró-bolsonaro. Essas pessoas logo se tornaram os popularmente conhecidos “bolsonaristas”, vivendo em uma realidade paralela, ou mesmo em um mundo mágico, alimentando-se da

crença que depositavam em seus próprios conhecimentos e informações (ambos, limitados), um ciclo vicioso de *fake news* e irrealidade que podemos ilustrar com a seguinte fórmula: a) crenças e preconceitos populares > b) Jair Bolsonaro reproduz o que essas massas pensam e acreditam > c) as massas bolsonaristas reforçam as suas crenças e seus preconceitos.

Desta forma, discutiremos não apenas o apoio das massas a figura do *Messias*, mas os antecedentes desse grupo tão peculiar, em que condições eles conseguiram tomar forma e se manter unidos *contra o mundo*, muitos deles permanecendo assim até o presente momento em que este trabalho está sendo escrito. Consideramos este estudo da nossa história imediata relevante em face da violência cometida por este movimento político contra a nossa democracia e o estado de direito, assim como contra o bem-estar social de determinados grupos, foi uma ferida na nossa sociedade de tamanho impacto que ainda não sarou.

Todavia, o presente trabalho não tem a pretensão de apontar uma “cura” para o bolsonarismo, mas sim de contribuir para o estudo geral da coisa, analisando esse fenômeno de uma perspectiva um tanto marginalizada entre os acadêmicos brasileiros de História: a história das mentalidades, tomada aqui como uma psico-história por optarmos pelo uso de ideias e conceitos da psicanálise e da psicologia. Desse modo, as fontes aqui trabalhadas são manifestações dessa mentalidade, tanto aquelas que viraram notícias e vídeos em redes sociais, quanto as expressões e o apoio quase que incondicional aos delírios do ex-presidente em sua principal rede social, o Instagram.

Nossa pesquisa será dividida em três capítulos. No capítulo I falamos sobre o estudo das mentalidades e a sua variante, que é a psico-história, apontando como o bolsonarismo pode ser pensado a partir desta perspectiva teórica. Visando apreender o máximo possível deste fenômeno (o bolsonarismo), dentro dos limites possíveis para este tipo de trabalho, utilizamos tanto uma história das mentalidades quanto uma história do imaginário, vale ressaltar que são modalidades historiográficas que se complementam, sendo por vezes até confundidas, porém neste trabalho, utilizamos a segunda como um olhar focalizado sobre a primeira. Colocando de outra forma, pensemos no conceito “mentalidade” como um quebra-cabeças montado, com cada peça constituindo um imaginário sobre um determinado aspecto e/ou objeto do mundo.

No primeiro capítulo também falamos sobre nossa metodologia, em concordância com Barros (2013, p.40), seguimos os três tratamentos metodológicos comumente utilizados pelos historiadores das mentalidades: (1) a abordagem serial, (2) o recorte que funciona como lugar de projeção das atitudes coletivas, (3) uma abordagem extensiva de fontes diversas. Como parte da abordagem serial, selecionamos 12 (doze) postagens³ do perfil de Jair Bolsonaro na rede social Instagram, cada postagem foi feita em datas diferentes, representando tanto elementos característicos da mentalidade bolsonarista, a exemplo, um ataque feito a esquerda (política), e datas significativas, como o dia anterior a eleição presidencial. Elegemos como objeto de análise o conteúdo das postagens e os comentários feitos pelos bolsonaristas, resultando em 514 (quinhentos e quatorze) *screenshots* ou *prints* (imagem salva do que está sendo visualizado na tela do dispositivo eletrônico) e uma lista com 588 (quinhentos e oitenta e oito) perfis diferentes, que melhor expressavam essa mentalidade bolsonarista, cada perfil selecionado fez pelo menos 1 (um) comentário. Os *prints* foram tirados a partir de um smartphone LG K41S. As figuras utilizadas neste trabalho se encontram editadas, nas fotos de perfil, e em parte do nome, de modo a se evitar uma exposição direta dos perfis, mas todos os prints se encontram inalterados e salvos em uma pasta no Google Drive⁴, acessível para todos aqueles que queiram verificar o que estamos analisando e comentando no presente trabalho.

Quanto ao nosso recorte temporal, é necessário apontar que dado o próprio caráter da pesquisa (mentalidades + história imediata), não há uma “data de nascimento” nem uma “data de morte” do bolsonarismo. Entendemos esse fenômeno como uma espécie de retorno do recalcado: uma mentalidade de um passado recente (ditadura varguista e ditadura civil-militar) que pareceu cair no esquecimento, (inclusive, por um esforço ativo de setores diversos da sociedade que pretendiam “deixar o passado no passado” e seguir em frente), mas que nunca deixou de influenciar as relações sociais e a política brasileira, e que, dada as circunstâncias da nossa história recente, se manifestou novamente de forma intensa. Desse modo, o recorte temporal priorizado ao longo do trabalho foi 2014-2023: quando Jair Bolsonaro

³ Adiantamos que não trabalharemos diretamente as doze postagens, tendo em vista que o que se busca numa análise serial das fontes é um consenso, similaridades ou continuidade de ideias, trabalhar uma por uma estenderia desnecessariamente a análise, sem necessariamente acrescentar em qualidade.

⁴ Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1lr0BM0f1ugeXSWroWCLOtWBCXIVFTXmb>.

anuncia a sua candidatura para Presidente da República, ficando claro para todos que o “bolsonarismo” existe, até a tentativa de golpe na Praça dos Três Poderes em Brasília, em 08 de janeiro de 2023. O espaço privilegiado na nossa pesquisa é o espaço virtual, ou ciberespaço, que abrange também as fontes tratadas: redes sociais, sites de notícias e vídeos disponíveis na internet.

No capítulo II, tratamos dos antecedentes históricos do bolsonarismo, pensando a coisa a partir do estudo do patriotismo e como se deu a apropriação do “ser patriota” por esse movimento, algo que está intimamente relacionado com a mentalidade brasileira, colocando de um modo geral, uma mentalidade conservadora e hostil ao que pode abalar a ordem das coisas como imposta por nossas “elites”. Utilizando a perspectiva freudiana, tratamos da psicologia das massas, esta foi a interpretação que nos pareceu mais verosímil para explicar como os bolsonaristas se formaram e permaneceram unidos em sua luta incessável contra o resto do mundo, sendo o bolsonarismo, neste sentido, uma defesa psicológica contra a realidade. Abordamos também o imaginário anticomunista, que não é novidade em nossa história. O bolsonarismo não é um fenômeno isolado no espaço/tempo. Sua originalidade decorre de fatores sócio-políticos atuais, mas não é difícil fazer uma genealogia deste movimento e apontar suas características fascistas e as reminiscências da mentalidade anticomunista que marcaram os períodos da ditadura do estado novo e da ditadura civil-militar em nosso país.

No último capítulo, iniciamos pensando a massa bolsonarista sob a perspectiva freudiana, neste sentido, podemos (e vamos) tratar do bolsonarismo como um “retorno do recalcado”, o retorno dessa mentalidade anticomunista (tratada no capítulo II), que de certo modo, foi reprimida após o fim da ditadura civil-militar. Buscamos entender neste capítulo a hostilidade dos bolsonaristas contra os *outros*, e para finalizar, adotamos como referência a psicologia fenomenológica existencialista sartreana para tentar entender o imaginário bolsonarista e como este fornece as bases do “mundo mágico” bolsonarista, este mundo mágico seria a transfiguração do mundo real, o ato de transformar o mundo “como ele é” no mundo “como eu entendo ou quero que ele seja”.

Para interpretar as fontes recorreremos a uma bibliografia diversificada de intelectuais e pensadores pertinentes para o estudo dos comportamentos, individuais ou coletivos, que incluem historiadores, psicanalistas, psicólogos, filósofos e sociólogos. Buscamos assim, tentar melhor compreender quais motivações e razões

se encontram por trás dos discursos e atitudes, bem como as formas de se apreender e lidar com a realidade que podem ser observadas a partir disto.

2 O BOLSONARISMO SOB A PERSPECTIVA DE UMA PSICO-HISTÓRIA IMEDIATA

Muito se fala sobre toda história ser feita em função das demandas do presente, ou seja, o pesquisador toma como ponto de partida um problema ou indagação concernente a sua realidade, e a partir disso vai em busca das fontes que corroboram a sua tese, neste sentido, a história seria basicamente um exercício existencialista. Isto não poderia ser mais verdadeiro ao se tratar de uma análise do bolsonarismo, um problema da nossa história imediata, ou seja, uma história em que há uma proximidade temporal da redação da obra ao tema tratado, e proximidade material do autor (e possíveis consumidores dessa produção) em relação ao evento ou crise estudados (Le Goff, 1990, p. 216).

A abordagem imediata da história costuma confundir-se com jornalismo e com memórias, quase sempre em interface com a história oral (Barros, 2013 p. 145-147). Não é o nosso caso. Como Johan Huizinga, pensamos que a história é mais que um ramo de saber, é uma forma intelectual de apreender o mundo (Le Goff, 2013, p. 43). Por mais que haja a proximidade temporal e material com o objeto de estudo, bem como a possibilidade da produção dessa história sob as modalidades acima citadas, optamos pela perspectiva de Huizinga, construindo desse modo, uma reflexão com base na observação e análise.

Este tipo de história, talvez mais que quaisquer outros, é alvo de diversas críticas, desde as mais conservadoras, como dizer que abordar o presente não é trabalho do historiador, as críticas mais perspicazes, como questionar a posição e a parcialidade do historiador. A esse respeito Jean Lacouture faz indagações pertinentes, a começar, que ninguém mais acredita (ou ao menos deveria ser assim) que uma pesquisa não seja guiada por pressupostos filosóficos ou pelo ambiente sociocultural do pesquisador (Le Goff, 1990, p.230). Por exemplo, aquele que atualmente produz uma história do império brasileiro, normalmente o fará por ideais políticos, para destacar um aspecto positivo ou negativo que acha que ainda não recebeu a devida atenção. Aquele que produz uma história de uma minoria étnica ou cultural, o fará porque se identifica e/ou enxerga algo de errado no tratamento que aquele determinado grupo recebe na sociedade.

Ainda Lacouture, aponta que o “imediatista” (o pesquisador do tempo presente), por demasiado exposto a subjetividade, deve buscar a salvação no aclaramento de suas orientações, que o valor de obras imediatas está na clareza das afirmações preliminares e na transparência do propósito (Le Goff, 1990, p.230). Parte disto já foi feita, reafirmamos que o bolsonarismo feriu a nossa frágil sociedade democrática; as instituições, e principalmente a educação pública e superior nunca foram tão atacadas e desacreditadas quanto desde o estabelecimento do bolsonarismo, não apenas pela política neoliberal que visa valorizar o ensino privado em detrimento do ensino público, mas principalmente pela negação direta do valor das instituições educacionais e dos produtores de conhecimento, pesquisadores e educadores.

A história como disciplina vive uma crise, na condição de pesquisadores e produtores de conhecimento histórico, é necessária uma atitude, sair da letargia induzida pelo paradigma pós-moderno, que em seu extremo, pretende derrubar esses “lugares de autoridade”, reduzir a história a discurso, que em sua luta contra o “autoritarismo normativo”, pode mesmo se abrir como um espaço de expressão para neonazistas, gangues etc. (Barros, 2018, p.86).

O bolsonarismo e sua visão de mundo, crente de que a educação foi sequestrada por “esquerdistas” e doutrinadores que buscam minar os valores e destruir a sociedade cristã ocidental, abalaram profundamente a (pouca) esperança que a nossa sociedade tinha na construção de um futuro melhor através da educação. Décadas de pesquisas e avanços em causas sociais como direitos da mulher, direitos LGBTQI+, combate ao racismo, bem como causas ecológicas, foram basicamente “jogadas no lixo” porque de repente uma grande parcela da população chegou ao entendimento de que tais lutas são “bobagens de esquerdistas”, “pautas identitárias que buscam acabar com os valores do cidadão de bem”.

A nossa justificativa para essa história imediata é a defesa dessa forma intelectual de apreender o mundo sugerida por Huizinga, justificativa que dada as condições atuais, torna-se uma defesa da História como disciplina. Resistência contra essa virada anti-intelectual que deve ser feita principalmente por aqueles que estão na linha de frente deste combate: pesquisadores, professores, alunos e demais produtores de conhecimento. Buscamos com a exposição acima justificar a nossa escolha por optarmos pela perspectiva da psico-história aliada a história imediata.

2.1 O estudo da mentalidade

Como qualquer outra pesquisa histórica, esta pesquisa tem por objetivo entender as causas de um determinado problema sob uma determinada perspectiva teórica, neste caso, buscamos primeiramente compreender a visão de mundo bolsonarista, que é permeada de uma grande hostilidade frente a “cultura” e as pessoas que discordam e/ou se posicionam contra os seus ideais, assim como compreender como este grupo tomou forma e se mantém. Para tal, tomamos por base a perspectiva de uma história das mentalidades e Michel Vovelle (1933-2018) é o nosso referencial para este desafio.

Para Vovelle, a definição da noção de “mentalidade” proposta por Robert Mandrou, de uma história das “visões de mundo” é ao mesmo tempo satisfatória e vaga, dada a complexidade deste campo de estudos. A própria noção de mentalidades mudou ao longo de sua história, de algo que estava mais a nível da cultura ou do pensamento claro para uma história das atitudes, comportamentos e representações coletivas inconscientes (Vovelle, 2004, p. 16). Vale ressaltar que, mesmo não sendo um campo de estudos popular na historiografia brasileira, é bem consolidado na historiografia francesa, com diversos nomes de peso, como o próprio Vovelle, o já citado Robert Mandrou, Philippe Áries, Jean Delumeau, Lucien Febvre, entre outros, que em alguns casos, mesmo sem nomear seus trabalhos como tal, produziram esse tipo de história, como o fez Georges Lefebvre com *O grande medo de 1789* (Vovelle, 2004, p. 14).

O conceito de mentalidade está bem próximo do conceito marxista de ideologia, este significaria um “conjunto de representações, de práticas e comportamentos conscientes e inconscientes” (Vovelle, 2004, p. 11), entretanto, mentalidade seria mais amplo, mais profundo, permeado de um tempo mais longo, trataria da “força de inércia das estruturas mentais”. Aqui o nosso trabalho se diferencia dos trabalhos tradicionais deste tipo de história, eles costumam abordar o momento em que se opera uma mudança na mentalidade, o nosso trabalho trata da resistência de uma mentalidade em um contexto de rápidas mudanças (a sociedade globalizada).

Em um primeiro momento até pareceria que “mentalidade” não seria um conceito adequado para se estudar o bolsonarismo, e sim “ideologia”, de fato, a grande maioria das análises sobre o bolsonarismo se orientam pelo ponto de vista

ideológico, mas como diria Morpheus⁵, não pensemos na coisa em termos de certo ou errado, e sim como um guia, que pode ajudar a achar o caminho.

Vale destacar que Vovelle (2004, p. 119-120) faz um alerta contra a “tentação” da psicanálise e da psico-história, estes são caminhos explicativos possíveis e de fato parecem óbvios para quem estuda a história dos homens e suas atitudes, o alerta portanto, seria devido ao fato desta interdisciplinaridade de certo modo fornecer respostas fáceis para o estudo das mentalidades, ao passo que suscitaria “mais reticências do que adesões”. O alerta que Vovelle faz é breve, no seu entendimento mesmo as mais “ambiciosas construções” (da psico-história) se mostraram insatisfatórias e o fracasso em se passar da aplicação da psicanálise individual para a psicanálise na história era comum.

Em primeiro lugar, entendemos que Vovelle era um historiador de seu tempo, e a preocupação com os caminhos da interdisciplinaridade é forte mesmo hoje, entendemos também que as “reticências” já são lugar comum na produção historiográfica de hoje, muito se fala sobre “lugar social”, “lugar de fala”, que “tudo é discurso”, sobre “tratar da oposição entre conhecimento erudito e popular”, etc., há um certo temor em afirmar e ser contundente. Para falar apenas do lado dos acadêmicos, do lado daqueles que estão fora da academia e consomem essa produção, a história sem dúvidas produz muito mais reticências, e poucas adesões, dada a crescente tendência ao revisionismo por parte dos amadores e mal-intencionados. Além do já explicitado, vivemos em tempos de hiperespecialização, a tendência é enxergar o seu campo de estudos como o ideal e os demais como falhos em certos aspectos, neste contexto, trabalhar com uma história que não é a “moda do momento” certamente proporciona um alvo maior para ataques.

Em segundo lugar, a nossa escolha de optar pela interdisciplinaridade com a psicanálise e com a psicologia não tem a pretensão de seguir o “caminho fácil”, não há nada de fácil em enveredar por outras áreas e usar ideias e conceitos que não nos são naturais. Entendemos que a interdisciplinaridade é um caminho inevitável para a produção historiográfica atual, principalmente no que diz respeito a uma história crítica. Novos tempos, novos problemas, novos desafios para o historiador. Felizmente, a necessidade da interdisciplinaridade bem como a de uma história que

⁵ Personagem da franquia de filmes Matrix, da Warner Bros. Entertainment. Na fala parafraseada, Morpheus tenta diminuir as inquietações de Neo, que está prestes a saber seu futuro com um oráculo.

trate do tempo presente (acrescentemos também o tempo imediato) é cada vez mais aceita, como bem o demonstra Barros (2022).

Vovelle nos parece o que Gay (1989, p. 26) chama de “historiador trêmulo”, aqueles que, mesmo quando reconhecem o excelente trabalho de Marc Bloch e a abertura que este proporcionou para os usos da psicologia como ciência auxiliar da história, sentem-se inquietos em explorar as “necessidades secretas dos corações dos homens”, como Bloch havia sugerido.

No entendimento de Gay, além do tradicionalismo comum a qualquer disciplina, em aceitar o que é novo, a recusa a psico-história se deu por conta de uma certa “agressividade” com que a psicanálise freudiana se espalhou. Ela ganhou muito destaque em pouco tempo, gerando uma reação entre os historiadores mais tradicionais, que a acusaram de ser apenas uma nova moda passageira (Gay, 1989, p. 30-31). Desse modo, o receio de alguns e a recusa de outros, foram motivados sobretudo por críticas historiográficas, de um lado, o questionamento sobre a possibilidade ou não possibilidade de se “psicanalisar” os mortos, e por outro, as críticas ao “psicologizar descuidado”, que seria tanto o alerta sobre diagnósticos apressados, quanto uma dúvida das capacidades dos autointitulados psico-historiadores. Tais diagnósticos apressados e errôneos de fato ocorreram e são apontados por Gay (1989, p. 37), os erros mais comuns parecem localizados em torno da abordagem da sexualidade infantil e das pulsões, apesar de não se limitarem a esses, entretanto, nosso estudo não tem por norteadores estas questões, portanto não nos deteremos em apontar seus pós e contras.

Quanto ao inconsciente coletivo, abordagem mais próxima da que utilizamos, Vovelle o acha mistificador e reducionista (Vovelle, 2004, p. 122-123), mistificador porque ao menos em seu início, tomava como referência as atitudes dos grupos dominantes e recusava o confronto dialético, reducionista porque ignoraria a ideologia, ao se pensar a mentalidade de uma época, as classes sociais e as diferenças ficam ofuscadas, haveria uma transmissão verticalizada dos modelos culturais dominantes e as resistências desaparecem.

Acreditamos escapar desses problemas anteriormente citados, tratamos dos vivos, então não corremos o risco de uma análise anacrônica ao “psicanalisar os mortos”, afirmamos mais a frente que a mentalidade bolsonarista possui em resquício da mentalidade colonial das nossas elites sociais, entretanto não a reduzimos a isto, também não ignoramos as diferenças ideológicas dentro do bolsonarismo, apontamos

apenas pontos em comum que formam a mentalidade bolsonarista. Também não estamos fazendo diagnósticos, acusando o objeto de estudo (o bolsonarismo) de ser neurótico ou psicótico por exemplo, aqui, utilizamos a psicanálise freudiana como uma referencial intelectual, uma maneira de apreender o mundo, buscando compreender as motivações bolsonaristas, mas colocando-as a prova da razão e da racionalidade. Além da defesa já iniciada acima, concluímos apontando que o nosso empreendimento não toma como referencial único a psicanálise freudiana, no que ela poderia ter como “pontos fracos”, buscamos reforçá-los com outras perspectivas, ideias e referenciais.

De toda forma, ainda buscamos trazer elementos tradicionais para produzir esta história da mentalidade bolsonarista, é possível identificar desde já, elementos da longa e média duração no pensamento bolsonarista, desde a mentalidade religiosa, que consciente ou inconscientemente é a motivação para a hostilidade contra a cultura secular do presente e contra a globalização, assim como nas características fascistas desse movimento, que a título de exemplo, incluem a ideia do passado mítico ou ideal, o anti-intelectualismo, o apelo a autoridade e outras características que fazem parte desse elemento fascista (Stanley, 2022), sendo estas, partes constituinte do todo, dessa estrutura mental que não é tão inerte assim, mas sim, que ressurge, é atualizada e ganha novas roupagens.

A nossa análise da visão de mundo bolsonarista segue então estes preceitos: quais as motivações inconscientes e conscientes dos bolsonaristas? Por que o comportamento hostil para com seus compatriotas e frente as coisas culturais? Como se deu a representação na figura do Jair Messias Bolsonaro? Em que realidade vivem os bolsonaristas?

2.2 A mentalidade bolsonarista

Ao se analisar a questão do “grande homem” tratada por Freud (2018, p. 163), entendemos por que é possível que muitos sujeitos desprezíveis e sem grandes qualidades, ao longo da história, podem ser tidos como grandes homens para diversos grupos, como é o caso do Jair Bolsonaro e do bolsonarismo, obviamente neste caso, a posição nada diz respeito à grandeza pessoal, mas sim com a capacidade de influenciar seus próximos através da sua personalidade e dos ideais pelas quais ele luta. Colocando de outra forma, as falas e atitudes do ex-presidente eram apenas uma

expressão manifesta das massas que o apoiavam. A esse respeito, Alexandre (2020, p. 38-39) ressalta a mudança da ênfase no discurso de Jair Bolsonaro, tendo este entrado no mundo político como um representante dos militares e com o apoio destes, muda o foco do seu discurso mais ou menos entre 2011-2014, quando conhece a sua atual esposa, Michelle Bolsonaro, que era evangélica batista.

A partir de então, com essa nova rede de relações, Jair Bolsonaro teria percebido um espaço vazio que ele poderia ocupar, e ocupou, como o representante político dos evangélicos brasileiros em sua guerra contra o *mundo*. Levar em consideração a mentalidade religiosa é de suma importância para o estudo do todo (a mentalidade bolsonarista). Ela não só serve de apoio emocional/psicológico para essas pessoas que não conseguem lidar com as constantes mudanças e adversidades da realidade, como é o principal alicerce desse mundo mágico em que vivem os bolsonaristas. A respeito do fator religioso na vida psíquica, Freud comenta que

a religião estorva esse jogo de escolha e adaptação ao impor igualmente a todos o seu caminho para conseguir felicidade e guardar-se do sofrimento. Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço, pela veemente fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa, a religião consegue poupar a muitos homens a neurose individual. (Freud, 2011, p. 19)

Nenhum pesquisador ou estudioso sério negaria que o fator da religiosidade é central no bolsonarismo, mas ao mesmo tempo parece haver uma certa relutância em adentrar nessa questão, seja por questões pessoais e subjetivas, seja pelo receio de criar mais conflitos do tipo “erudito x popular”, seja pelo zelo excessivo pelo “lugar de fala”, tal fator não tem recebido a devida atenção entre os acadêmicos.

O jornalista Ricardo Alexandre surge então como uma das poucas referências neste quesito, como cristão evangélico e membro da Igreja Batista, ele aponta em seu trabalho *E a verdade os libertará (2020)* os abusos no uso da religião para justificar projetos políticos de poder, no que concerne a Jair Bolsonaro e os políticos próximos a ele que surfaram nessa onda de insatisfação com a política brasileira ao som de uma harmonia de vozes evangélicas que careciam de uma representação política.

Ao passo que ia fortalecendo seus laços com a comunidade evangélica, Jair Bolsonaro vai se colocando cada vez mais como o representante do antipetismo, defensor da pátria e do “Deus acima de tudo”, assim como um soldado na luta contra

o globalismo e o “marxismo cultural” (ver página 41). Além da base de eleitores até então inexplorada, o apoio que o fator religioso trás é sem igual, ao se colocar um “representante do senhor”, coisa que vem acompanhada de rituais como o batismo, como de fato ocorreu com Jair Bolsonaro, o político adquire o *status* de “ungido”, garantindo uma submissão quase incondicional, vista por exemplo na defesa que os bolsonaristas faziam ao Jair Bolsonaro, como se este estivesse cercado de inimigos, de corruptos e de mentirosos, e na recepção de tudo que era dito contra ele como *fake news*.

Protegido por uma interpretação conveniente do 1 Samuel 26:9⁶, Jair Bolsonaro (e outras lideranças religiosas, principalmente bolsonaristas) estava acima das críticas e denúncias, caberia apenas aos religiosos/bolsonaristas apoiar, orar, ou no máximo, calar-se (Alexandre, 2020, p.83). Esse foi um raciocínio que transpassou a parcela religiosa dos bolsonaristas e foi aceito por todos eles, visto que o bolsonarismo comprou a ideia de haver inimigos e sabotadores por todos os lados, e de Jair Bolsonaro ser uma liderança íntegra, honesta e incorruptível.

Rocha fala de uma “dissonância cognitiva coletiva” ao se referir ao bolsonarismo, esta seria um estado em que as massas bolsonaristas se encontram, essa dissonância cognitiva coletiva seria um “desconforto subjetivo causado pela consciência da distância entre crenças e comportamentos” (Rocha, 2023, p.86), a insatisfação devido a obrigação de conviver com aquilo com o que não concordam estaria por trás da força e da união do movimento bolsonarista. Isto também diria respeito a convicção dos membros no próprio movimento, de que nada parece abalar as crenças dos envolvidos de que há uma batalha espiritual e que o propósito será alcançado, que mesmo quando algo não sai como o planejado, seria algo como “Deus escreve certo por linhas tortas”.

A exemplo, a derrota eleitoral para o candidato Luiz Inácio Lula da Silva em 2022. Mesmo seguindo a premissa anteriormente citada, o bolsonarismo não ficou passivo, essa derrota foi vista como um “chamado à luta” que o “povo de Deus” e os patriotas deveriam atender, para no fim, a “verdade” vir à tona, diversas teorias foram criadas, como a fraude nas urnas eletrônicas que “teria sido comprovada”. Ocorreram bloqueios de vias em todo o país, bem como ocupações em frente a quartéis do

⁶ “Mas Davi respondeu a Abisai: ‘Quem levantaria a sua mão contra o ungido de Yahweh e ficaria impune?’” (LIVRO: Bíblia King James Atualizada. São Paulo: Abba Press Editora e Divulgadora Ltda, 2012).

Exército em todo o Brasil, somado a isso, as míticas 72h (que acabaram virando 1.140h, sem o resultado esperado por eles) de mobilização que seriam necessárias para o Exército Brasileiro intervir em resposta ao clamor do povo.

A existência de pessoas que se encaixavam nessa recente classificação (bolsonarista) acabou pegando muitos de surpresa, fazendo-os pensar coisas como “como eu não percebi antes que ‘fulano’ era assim?”. Assim sendo, propomos analisar a mentalidade bolsonarista para pensar como ela pôde se formar e se manter consistente por tanto tempo (ainda permanece), dada a bizarrice de sua própria existência.

2.3 O ciberespaço como simulacro do fantástico mundo bolsonarista

Como foi apontado por Barros (2022, p. 11-12, 14), vivemos em uma sociedade digital que teve início no fim do século passado, foi uma revolução a nível da descoberta do fogo e que deu início a uma nova, a Era Digital. A internet impactou todos os setores da vida em sociedade e dependemos dela para muitas coisas essenciais, por mais que o indivíduo não possua em computador ou um smartphone, ele vai deixar um rastro digital, a exemplo, seus documentos estão nos bancos de dados do Governo Federal e ficará registrado o uso de algum serviço público, como marcar uma consulta no posto de saúde do bairro.

Em uma recente pesquisa levantada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), verificou-se que cerca de 84% dos lares brasileiros possuíam acesso à internet em 2023, com uma taxa de 58% dos usuários tendo acesso apenas por celular. Os documentos digitais já são parte da nossa vida, e como tudo que é produzido pela humanidade, podem ser objeto de uma análise histórica, ainda que o uso de sites de notícias e *prints* ainda não sejam comuns na historiografia.

Por mais que a historiografia prefira se ater ao tradicional uso das fontes e documentos físicos, vivemos novos tempos e não são poucos os historiadores que chamam a atenção para a necessidade de abraçar essa realidade, bem como explorar uma nova variedade de objetos de estudos que podem ser percebidos nas novas formas de sociabilidade nessa sociedade global (Barros, 2022, p. 181). Justamente por conta dessa relutância em tentar algo novo, ainda há uma carência de uma

teoria/metodologia para a história digital (Barros, 2022, p. 217). Desse modo, tentamos ser os mais cuidadosos possíveis em relação as fontes utilizadas.

As fontes da nossa pesquisa são todas fontes virtuais: notícias de veículos jornalísticos, postagens, vídeos e *prints* de redes sociais, especificamente o Instagram, uma rede social que é propriedade da Meta Platforms, Inc. Todas as notícias e vídeos referenciados neste trabalho podem em ser encontradas em mais de um local ou site, o critério utilizado foi a relevância e credibilidade do site, somada a gratuidade do acesso, pois algumas matérias em alguns sites podem ser acessadas apenas através de uma assinatura paga.

Em relação as postagens do Instagram, os *links* estão referenciados, e podem ser acessados se clicando neles, caso se esteja lendo este trabalho em um aparelho digital, ou se estiver com o documento físico, é necessário digitar o *link* em alguma plataforma online, como em uma conversa no WhatsApp, ou diretamente na aba “pesquisar” no Google.

Existem pelo menos cinco redes sociais em que se poderia fazer uma pesquisa serial das fontes como a que fizemos, Facebook, WhatsApp, Instagram (todas pertencentes a Meta Platforms, Inc.), X (antigo Twitter, pertencente a X Corp) e o Telegram (Telegram Messenger Inc.). O critério para a escolha do Instagram como principal recurso para a pesquisa serial das fontes foi a popularidade da rede social entre os brasileiros, especialmente entre os bolsonaristas. Atualmente Jair Bolsonaro conta com 25,4 milhões de seguidores no Instagram, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva (concorrente a presidência e vencedor em 2022) conta com 13,1 milhões. Durante as eleições de 2022, Jair Bolsonaro chegou a acumular 58,96 milhões de seguidores, somando as redes sociais Facebook, Instagram, Twitter, YouTube e TikTok. Enquanto Lula acumulou 24,13 milhões de seguidores⁷. A seguir, o perfil de Jair Bolsonaro no Instagram:

⁷ Bolsonaro tem 58 milhões de seguidores nas redes sociais; Lula, 24 milhões. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-tem-58-milhoes-de-seguidores-nas-redes-sociais-lula-24-milhoes/>> Acesso em: 09/01/2024.

Figura 1 – Perfil do Instagram de Jair Bolsonaro



Fonte: imagem do autor.

Os temas das postagens analisadas variam, mas estão dentro das características que compõe a mentalidade bolsonarista: usar a crença como escudo e justificativa para validar suas ações, a demonização da esquerda e a construção do inimigo, que seriam todos aqueles que não apoiassem o governo bolsonaro incondicionalmente, fake news e distorções de informações, e tentativas de culpar a oposição pelos danos causados pela pandemia de Covid-19, pois Bolsonaro teria

apresentado um remédio acessível para a população (a hidroxoclorina), mas este teria sido boicotado pela oposição para prejudicar o seu governo.

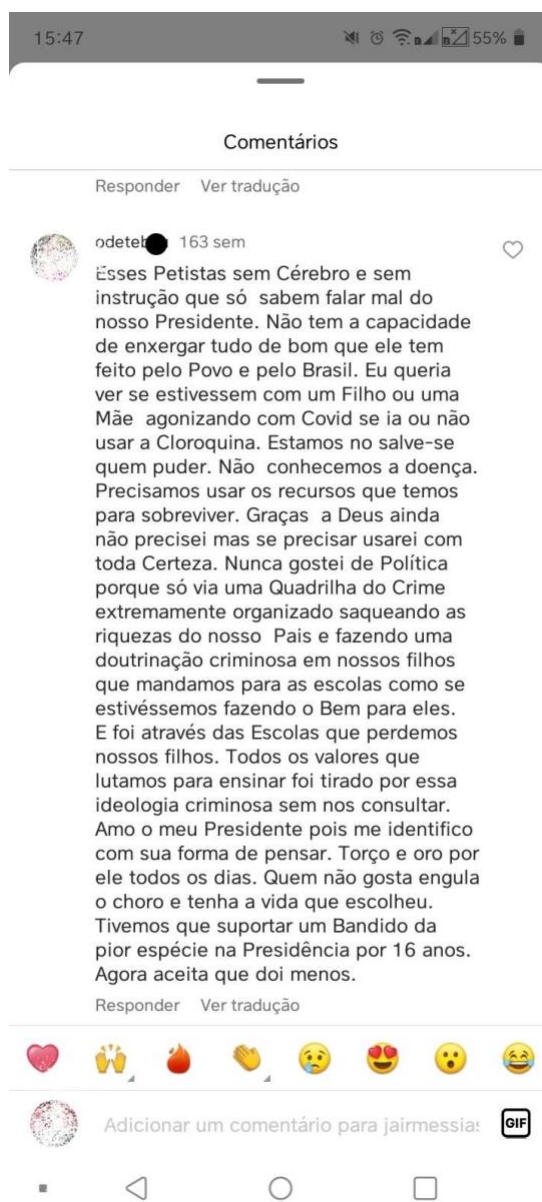
O número de comentários nas postagens varia entre 1.000 e 560.000, sendo este último o aparente ápice, a postagem em questão foi feita no dia do segundo turno das eleições presidenciais, em 2022. Também há nessa postagem diversos comentários feitos após essa data, por um lado, há apoiadores lamentando e cobrando uma ação contra a possível fraude na contagem de votos, e por outro, opositores fazendo provocações e brincando com a derrota de Bolsonaro, de todo modo, todas as postagens demonstram um grande engajamento⁸ no perfil de Jair Bolsonaro.

Além do conteúdo das postagens, os comentários foram objetos de análise, mas não os comentários simples, como “Deus te abençoe”, “estamos com você presidente” ou uma simples sequência de emojis, mas sim comentários mais complexos, que demonstram toda uma carga emocional, bem como uma crença no “Messias”, além dos demais elementos já citados que compõe uma visão de mundo, como “eu já sabia que você iria ganhar, minha irmã viu uma profecia na Bíblia”, “os cristãos precisam orar, se posicionar contra esse sistema de esquerda demoníaco”, “a sua missão está quase sendo cumprida, isso é só uma batalha, a guerra começará com a proteção de Deus e com nossas orações”, “na ânsia de derrubar Bolsonaro, vidas foram sacrificadas”.

Vale ressaltar que nem todos os comentários de certas postagens puderam ser verificados, dada a enorme quantidade, bem como falhas do aplicativo (Instagram), que nem sempre carregava todos os comentários. Foram selecionados comentários em quantidades e qualidade suficientes para se demonstrar que há um padrão de crenças e ideias que compõem essa mentalidade bolsonarista. Vejamos agora na Figura 1 um comentário que demonstra essa mentalidade bolsonarista:

⁸ “Engajamento” na internet e nas redes sociais significa a interação dos internautas com os posts, matérias e afins. Incluem comentários, curtidas, compartilhamentos e “salvar” para poder rever mais facilmente em outro momento.

Figura 2 - “Esses petistas sem cérebro”



Fonte: imagem do autor.

Em um único comentário podemos perceber diversos elementos característicos que compõem a mentalidade bolsonarista: a crença de que a oposição queria prejudicar Bolsonaro a todo custo, o descredito para com a política brasileira, “pais e...(professores?) criminosos que doutrina as crianças e adolescentes”, o descredito para com a educação e a visão do (à época) Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva como um “bandido da pior espécie”. O comentário em questão foi feito na postagem

do dia 28 de setembro de 2020, “Vidas poderiam ter sido salvas se a Hidroxicloroquina não tivesse sido politizada”.

Desde o início da pandemia de Covid-19, Jair Bolsonaro desacreditou a doença, a chamando de “gripezinha” e se posicionando contra o isolamento social e a quarentena, chegando inclusive a defender a “imunidade de rebanho”, uma tese em que uma maior quantidade de pessoas infectadas pela doença contribuiria para o fim da pandemia, pois, teoricamente, as pessoas se curariam e desenvolveriam a imunidade⁹. A postagem conta com 9.998 (nove mil, novecentos e noventa e oito) comentários, a grande maioria (que pode ser verificada) tem um tom comum, a ideia de que a ciência, e conseqüentemente os cientistas, fazem parte de um complô, servem a esquerda mundial que pretendiam vender o “vírus chinês” como parte de um plano de dominação, além é claro, da ganância pelo dinheiro. Jair Bolsonaro, um “homem de Deus” e íntegro, pensando no bem da população brasileira, teria mostrado “a verdade” de que a doença não era tão séria quanto a mídia pintava, e que podia ser tratada com um remédio simples e já disponível para todos.

A grande quantidade de pessoas simples, com uma crença (religiosa) em comum, interagindo entre si e lutando por aquilo que acreditavam, em contrapartida a “grande mídia” controladora e manipulada por indivíduos e organizações poderosas, fundamentou a convicção de que eles (os bolsonaristas) viviam e aspiravam a verdade, enquanto o resto do mundo se afundava em mentiras.

Para o bolsonarismo, a internet é um simulacro do mundo real, a sua rede online de sociabilidade, notícias rápidas, sensacionalistas, distorcidas e mentirosas, se torna um espelho através do qual enxergam o mundo. Eles veem o que querem ver e escutam o que querem escutar, o mundo digital se torna o mundo real em que pessoas simples e de bem como eles, “guerreiros da verdade e da moral”, lutam uma batalha espiritual pela salvação do Brasil, enquanto o mundo real se torna um falso mundo, repleto de forças do mal corrompendo e manipulando tudo e a todos através das sombras, ou mesmo a luz do dia, pois estas forças do mal são todos os poderosos (políticos de esquerda, a grande mídia, grandes empresas, ongs etc.) e os que estão a serviço destes (intelectuais, cientistas, professores, estudantes).

⁹ Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>> Acesso em: 24/02/2024.

3 A FORMAÇÃO DO BOLSONARISMO

O povo brasileiro é peculiar em muitos sentidos, até mesmo já se tornou um objeto de estudo e ganhou o tipo ideal de povo “cordial” por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). A cordialidade aqui não tem o sentido positivo habitual, pelo contrário, é uma forma de defesa contra a sociedade, é uma máscara com a qual esse povo disfarça seu medo de conviver socialmente, tentando assim “viver a realidade sem transfigurá-la por meio de imaginações delirantes ou códigos de postura” (Holanda, 2014, p.131-132).

Este é um povo que insiste em ser íntimo, em familiarizar as relações sociais para manter a soberania do indivíduo ante o social. Entretanto, esse “viver a realidade” em S.B. de Holanda, não deixa de ser uma transfiguração da realidade, concordamos com Sartre (2021, p.62) quando este trata das emoções e fala sobre a necessidade de agir e de transformar a realidade frente as dificuldades de se viver em um mundo “determinado”, transformando-o para vive-lo emocional e magicamente, este ponto será melhor tratado ao longo do trabalho.

No nosso entender, essa característica “cordial” do brasileiro encontra sua expressão máxima no patriotismo, a nação brasileira *imaginada* torna-se um refúgio contra uma realidade que está aí, na “ponta do nariz”. Isso é visível nas motivações que movimentaram essas massas ditas patriotas nos últimos anos, elas pretendiam e ainda pretendem que a nação brasileira seja um refúgio contra a globalização e o progresso em suas mais variadas formas no século XXI. Isto, somado a mentalidade colonial da nossa elite social, que a faz pensar que não faz parte do Brasil, como se estivessem aqui de passagem para acumular capital e voltar para a Europa, por conseguinte, faz com que não se pense em um projeto racional para o povo, e o cidadão comum, que consegue ascender socialmente (mesmo que apenas um pouco acima das classes mais baixas), logo assume essa mentalidade.

A falta de um projeto racional de sociedade foi visível sobretudo no modo como o Jair Bolsonaro conduziu seu mandato, ele e os bolsonaristas não saíram do clima de campanha eleitoral, preferiram lutar contra inimigos imaginários a lidar com necessidades reais do povo brasileiro.

O historiador Benedict Anderson (1936-2015) trabalha com uma definição de nação e é a que usaremos no presente trabalho: ela é uma *comunidade imaginada*. Imaginada no sentido de se levar em conta a impossibilidade de seus membros se

conhecerem e de se identificarem em sua totalidade, mas ainda assim existir esse sentimento de pertencimento, esse vínculo imaginário que faz as pessoas acharem que fazem parte de um povo. “Na verdade, qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada” (Anderson, 2008, p.33).

Bauman também trata deste assunto (em uma escala mais reduzida que a da nação), ele fala sobre os sentimentos que a ideia de uma *comunidade* evoca, “‘comunidade’ é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (Bauman, 2022, p. 10). A noção de Bauman, de comunidade imaginada, combina perfeitamente com a de Anderson, não apenas pela nomenclatura, mas pelo fato de ambas se tratarem da busca por um lugar seguro, um lugar de mesmice, em que se está cercado de iguais e protegidos dos “perigos” do mundo de fora, um lugar que promova uma *segurança existencial*, utilizando as palavras de Bauman (ditas em outro contexto), é um abrigo contra a “corrosiva sensação da insuportável volatilidade do mundo” (Bauman, 2022, p. 158). Há de se considerar também o aumento exponencial no uso das redes sociais nos anos 2010-2020, que virtualmente, aboliu as distâncias, fazendo com que pessoas dos mais variados lugares e sem contato físico entre si, se sentissem como membros de uma comunidade, compartilhando sonhos e desejos de uma realidade possível.

Compreender a força que a ideia de uma nação exerce no imaginário, e conseqüentemente na mentalidade, é de vital importância para se analisar o bolsonarismo, afinal, o movimento se organizou em torno da ideia de retornar aos “bons tempos” e de resgatar o Brasil das “garras da esquerda”, de uma suposta corrupção moral que assola os tempos atuais, não apenas no âmbito nacional, mas globalmente, tendo o Jair Messias Bolsonaro com um líder digno e escolhido por Deus para essa missão.

3.1 O patriotismo bolsonarista

A nação como conhecemos é uma invenção relativamente nova, essa ideia chega ao apogeu entre os anos 1918-1950, por conta da novidade da Grande Guerra, já por volta de 1913, as economias capitalistas (na Europa) se organizavam em torno de uma economia central, protegida e até certo ponto, guiada por um governo central,

mas, para o povo aderir a ideia de nação é necessário que haja, ou melhor dizendo, que seja criada uma identificação com a unidade (Hobsbawm, 2021). Aqui no Brasil, podemos observar que essa busca pela identidade nacional chegou ao auge exatamente nesse período pós primeira-guerra, para se definir a identidade brasileira primeiro é lançado um olhar regionalista para se identificar os pontos fortes e fracos da nação, para então se definir o “rostro” do Brasil, a ser exibido mundo afora.

Convenientemente, Hobsbawm traz na obra *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (2021, p.27-28) a definição de nação conforme a Enciclopédia Brasileira Mérito (1958-1964), ela diz que a nação é

a comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo; o povo de um Estado, excluindo o poder governamental.

Ou seja, a ideia de nação é indissociável da ideia de povo, e a nação funciona primeiramente como um modo de defesa contra o outro. Como coloca Ernst Gellner, o nacionalismo muitas vezes toma culturas preexistentes e as transforma em nações, obliterando outras culturas preexistentes (apud Hobsbawm, 2021, p.19). A cultura “vencedora” na história do Brasil República foi a cristã, conservadora, a cultura de uma elite continuadora da tradição imperial, e na falta de ameaças externas sérias, ameaças internas foram criadas, à exemplo, o exagero da “ameaça vermelha” nos anos 60, que serviu de pretexto para o golpe militar de 64, mito que ganhou um novo fôlego durante a campanha à presidência e no posterior governo Bolsonaro.

No século XXI, por mais que ainda tenham o fantasma do comunismo, este ficou em segundo plano, a ameaça assumiu uma forma mais sutil, a do globalismo, de uma cultura secular e progressista que corrompe a todos e ameaça a existência do “cidadão de bem”, dos “valores tradicionais cristãos”, preparando o terreno destruindo toda a “cultura ocidental”, então viveríamos uma ditadura comunista, no sentido tradicional (dos temores dos capitalistas).

O que queremos apontar com isso é que, no Brasil, o patriotismo/nacionalismo não teve em seu início, um caráter popular. Na nossa independência, o povo não se insurgiu contra um governo opressor a fim de dar início a uma nova nação. A ideia de nação e os símbolos nacionais foram usurpados por elites que de certo modo, eram continuadores do poder

imperial/colonial. Dada a falta da participação popular na construção cultural do Brasil, a cultura da elite foi e continua sendo a referência (algo que felizmente está mudando nas últimas décadas). Não só a cultura da elite foi a referência, mas as ideias e pensamentos destas, criando uma aceitação entre uma boa parcela do povo, das pessoas comuns, de que sim, elas eram inferiores, de que sua cultura era inferior, e de que as classes dominantes eram mais capazes para governar e ditar os rumos do país, isso é visível sobretudo no apoio popular a políticas liberais e neoliberais que, no entanto, visam prejudicar essas mesmas pessoas.

Nos trabalhos de Hobsbawm (2021) e Anderson (2008) observamos que é comum haver essa apropriação do sentimento de ser patriota/nacionalista por parte da direita política, dado que muitas revoluções têm por líderes membros das elites sociais e da burguesia, que usam o povo para alcançar o poder, mas uma vez que alcançam o objetivo, se mantêm no poder e lutam para manter o *status quo*, relegando novamente o povo a classe dos dominados e passivos. Neste sentido, o Brasil não difere da grande maioria das outras nações do mundo, mas se o resultado foi o mesmo, os caminhos seguidos foram outros, a peculiaridade do Brasil consiste em dois fatores: o povo não lutou na independência da nação; a mentalidade conservadora e colonial dessa elite que inventou a nação, aliada a falta de grandes ameaças externas, fez com que se criasse um inimigo interno: o próprio povo, ou mais especificamente, o povo que não se deixa usar, seguindo cegamente os projetos dessa elite nacional.

Dado os fracassos da modernidade (que são tão comumente apontados por diversos autores e que escapam ao escopo do nosso trabalho aprofundá-los), esse povo perde a “fé” na racionalidade como fator de progresso social e começa a dar ouvidos a esse populismo que não mais aposta no progresso material como base do bem-estar social, mas sim na manutenção das tradições e crenças como luz guia. A nação imaginada se torna cada vez mais um ideal a ser perseguido. Isso explica em parte porque aqui no Brasil é forte a associação entre ser patriota/nacionalista e a direita política, uma associação tão forte que nos últimos anos a polarização estava presente até mesmo em uma figura importante como o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, que agia como se o seu dever fosse governar apenas para os seus.

3.2 A massa bolsonarista

Já foi comentado o contexto histórico que permitiu a formação da mentalidade bolsonarista: a exclusão da participação do povo na independência e na formação cultural do Brasil, a cultura predominante da elite nacional, a mentalidade colonial da elite nacional, o contexto religioso do povo brasileiro, a insatisfação com os rumos da política brasileira. É preciso tratar agora do contexto psicológico da mentalidade bolsonarista.

Por mais que a política bolsonarista seja uma política de hostilidade e violência, que tem o ódio contra o *outro* e contra a democracia como combustível, é importante ressaltarmos que o ponto central do nosso estudo é a massa bolsonarista, e não necessariamente, são todos os bolsonaristas movidos por ódio, violência e hostilidade, o bolsonarismo é uma massa que acabou sendo conduzida para determinados fins. Como podemos observar em Freud (2021a), há diversos fatores que atuam na formação e manutenção de uma massa: sugestão, identificação, enamoramento, o impulso gregário.

Em concordância com o psicólogo Gustav Le Bon, Freud acreditava que a massa tem um caráter dominante que se sobrepõe ao do indivíduo, a massa coloca o indivíduo sob certas condições que fazem com que a superestrutura psíquica seja enfraquecida ou mesmo removida, formando-se um caráter médio na massa (Freud, 2021a, p.43), em uma massa a responsabilidade de certo modo desaparece, o indivíduo sente-se seguro e poderoso por estar junto de iguais, logo as inibições cedem a um certo sentimento de invencibilidade que permite que as pessoas se entreguem aos instintos, que se livrem dos recalcamientos de suas moções de impulsos¹⁰ (Freud, 2021a, p.44), não faltam exemplos de como uma briga pode se alastrar rapidamente e virar uma confusão generalizada, como ocorre com torcidas de futebol por exemplo, a excitação do momento alimenta uma vontade de participar, de agir, de ceder aos institutos mais primitivos.

Em um discurso proferido em 1 de setembro de 2018, no Acre, Jair Bolsonaro, em cima de um trio elétrico usa um tripé de câmera para fazer alusão a um fuzil, e fala

¹⁰ Certamente os efeitos do “pertencimento a massa” acompanham as comunidades sem fronteira da internet, e o indivíduo tem as suas “moções de impulso” potencializadas pelo anonimato proporcionado pela internet, não foram raras as ameaças de morte que partiram de bolsonaristas aos opositores de Bolsonaro.

em “fuzilar a petralhada do Acre”¹¹, o que é seguido de diversas ovações entre as suas características pausas entre as frases que parecem ter custado horas para serem decoradas. Em outro discurso seguido de ovações, na cidade de Campina Grande em 2018, Bolsonaro fala que “as minorias têm que se curvar as maiorias”, “não tem essa historinha de estado laico não, é estado cristão”. Em outro momento, após a vitória de Luiz Inácio da Silva em 2022, milhares de Bolsonaristas saíram às ruas em todo o Brasil para pedir intervenção militar, isto aconteceu em diversos momentos, mesmo durante o mandato de Jair Bolsonaro, essas pessoas pediam a ditadura, em nome da liberdade de expressão, da liberdade de ir e vir, às vezes, em nome da democracia...

Tais expressões de apoio não significam necessariamente que exista um consenso entre os bolsonaristas e que estes desejam a eliminação física de seus inimigos ou demais atos de violência, ou mesmo que entendem as implicações reais de uma ditadura militar, é o contágio da massa atuando, o prazer sentido e o sentimento de poder por estarem entre iguais¹², a crença em uma luta justa, a insatisfação com uma realidade que não melhora (por mais que desejem que diversas coisas continuem iguais), da perspectiva bolsonarista, eles parecem se ver como uma espécie de revolucionários, lutando contra um sistema decante para criar uma “nova” sociedade, pois de certo modo, entendem que apenas uma ruptura extrema com o estado social atual (uma ditadura por exemplo) poderia trazer alguma mudança.

O maior problema da massa bolsonarista são os seus pressupostos, eles não lutam por uma melhora no sistema sociopolítico, lutam contra seus inimigos e problemas imaginários, contra uma realidade que não querem entender e/ou aceitar. “Inclinada ela própria a todos os extremos, a massa só é excitada por estímulos desmedidos. Quem quiser agir sobre ela não precisa de nenhuma ponderação lógica de seus argumentos; tem de pintar as imagens mais fortes, exagerar e repetir sempre a mesma coisa” (Freud, 2021a, p.51).

¹¹Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>> Acesso em: 09/01/2024.

¹² Neste ponto é necessário expandir a reflexão e considerar os efeitos da internet e das redes sociais, que fazem com que essas pessoas que antes se sentiam isoladas e intimidadas, se sintam como parte de algo maior e que já não estão sós. Neste sentido, um questionamento comum aos “não-bolsonaristas” diz respeito ao fato de hoje em dia as pessoas parecem não sentirem mais vergonha de serem “burras” por exprimirem ideias que antes do boom das redes sociais ficavam mais ocultas. A identificação e sociabilidade promovida pelas redes sociais parecem uma resposta adequada para a questão.

3.3 O bicho papão comunista¹³

Uma das principais características do bolsonarismo é o anticomunismo ferrenho, antes de tudo, o movimento se mantém coeso pelo ideal de estar combatendo o comunismo e tudo que ele supostamente representa, tanto os elementos comunistas que consideram presentes em nossa sociedade, quanto o que pode vir a se desenvolver. Nem mesmo a esquerda brasileira possui tanta fé como os bolsonaristas de que o Brasil pode vir a se tornar comunista.

Este estado de espírito não é um fenômeno inédito em nossa sociedade, a luta contra o “comunismo” já serviu de pretexto para dois golpes de estado: o de 1964 que instalou a ditadura civil-militar brasileira, e o de 1937, a ditadura do Estado Novo varguista.

Vargas deu o tom do que estava por vir em discurso aos brasileiros, pelo rádio, nos primeiros minutos de 1936: “O comunismo constitui-se o inimigo mais perigoso da civilização cristã. [...] [É] o aniquilamento absoluto de todas as conquistas da cultura ocidental, sob o império dos baixos apetites e das ínfimas paixões da humanidade - espécie de regresso ao primitivismo. (Fausto, 2006, p. 75 apud Starling, 2024, p. 23. *E-book*.)

É exatamente deste ponto que deve partir a análise do anticomunismo no bolsonarismo. Estes, não têm como diretriz principal, como os grandes capitalistas, combater o comunismo com o objetivo de evitar mudanças sócio-políticas que possam impactar a economia, e conseqüentemente o *status quo*. A luta anticomunista no bolsonarismo tem por objetivo evitar mudanças nas estruturas sociais e culturais, o comunismo como “inimigo da civilização cristã” é o pensamento que guia as ações bolsonaristas em sua hostilidade contra tudo o que é diferente. Grande parte da campanha política de Jair Bolsonaro se baseou em ressaltar a ligação Partido dos Trabalhadores com essas “ditaduras sanguinárias e diabólicas”, um argumento simplório e distorcido, mas eficaz:

¹³ O Bicho Papão é um ser mítico do folclore brasileiro e português. É um mutante que pode assumir formas diversas, está associado ao mal e suas principais vítimas são criancinhas.

Figura 3 – “O PT financia ditaduras amigas”



Fonte: imagem do autor.

Motta (2000) produziu um amplo estudo em que demonstra as raízes do anticomunismo brasileiro, este está intimamente relacionado a mentalidade religiosa do povo brasileiro. O comunismo que, além ser uma ideologia/filosofia estrangeira, representava o progresso e mudanças, para não falar do caráter secular e ateu, rapidamente foi identificado por uma grande parcela do povo brasileiro como algo a

ser combatido. Ao pensar o imaginário anticomunista, Motta (2000, p. 72-73) separa as imagens construídas acerca do comunismo em cinco categorias maiores, elas são respectivamente: “demônios”, “agentes patológicos”, “ameaça estrangeira”, “desafio a moral”, “inferno soviético”, “a ‘intentona comunista’”, e “o ‘cavaleiro da desesperança’”.

O bolsonarismo poderia ser analisado a partir de todas estas imagens, porém duas merecem destaque por afetarem mais intensamente as sensibilidades, “demônios” e “desafios a moral”. Demônios são personagens presentes nas mais diversas religiões e crenças, nas origens da crença judaica/cristã, os demônios nada mais eram que os deuses de outras religiões, de outros povos, ou seja, inimigos a serem combatidos. Esse(s) agente(s) do mal que usa as mais diversas artimanhas e ferramentas para tentar e desvirtuar os homens, teria encontrado no comunismo a sua ferramenta ideal.

No Brasil, os religiosos lançaram mão com bastante frequência do recurso à demonização dos comunistas. Já na primeira Carta Pastoral anticomunista divulgada no país, Dom João Becker afirmava que os planos comunistas “(...) parecem producto da phantasia de Lucifer e seus meios de combate não poderiam ser peiores si fossem forjados nas oficinas do inferno”. Moscou foi chamada “império do poder das trevas” e “cidade de Satanás” e um autor religioso pediu a seus leitores que imaginassem “(...) uma sessão demoniaca nas profundidades do Kremlin (...)”. O comunismo, segundo um jornal católico, era o próprio filho de Satanás, e ninguém deveria ficar neutro na luta entre Deus e o demônio. Para os que duvidavam da existência do mal (comunista e demoníaco) uma advertência: “A maior astúcia de Satanás é passar por não existente”. Outro órgão católico convocou os fiéis a se arremataram para “(...) deter a marcha dos filhos das trevas (...)”, cujo “(...) trabalho infernal de semear pelo mundo inteiro (...)” a ideologia funesta demonstrava que só poderiam ser uma “força demoniaca”. (Motta, 2000, p. 74)

Comunistas se tornaram então a manifestação física de todos os temores dos cristãos mais conservadores. Uma imagem que foi piorando ao longo dos anos com todas as “novidades” da sociedade globalizada. Agentes do mal e imorais, por isso a moralidade é outro ponto que merece atenção especial no bolsonarismo, eles se dizem defensores da moral cristã, mas ao longo da formação do movimento acabaram criando uma moral a parte, o discurso bolsonarista, fortemente influenciado pelo discurso neopentecostal, é um discurso agressivo, que toma como referência o Deus da espada e do fogo do Velho Testamento, quase nunca o Deus que vira a outra face, do Novo Testamento.

Em uma postagem no Instagram, do dia 22 de fevereiro de 2022, Jair Bolsonaro posta uma foto própria, em uma cerimônia que contava com a participação de uma

autoridade religiosa, identificável por conta de suas vestes, mas o que chama mesmo a atenção é o comentário da postagem:

No Brasil, a esquerda festeja e aplaude a liberação do aborto até o 6º mês de gestação, lamentavelmente aprovado na Colômbia. Trata-se da vida de um bebê que já tem tato, olfato, paladar e que já ouve a voz de sua mãe. Qual o limite dessa desumanização de um ser inocente?

- Todos nós já nos emocionamos com a história de bebês prematuros que superaram as dificuldades e se tornaram a alegria de seus lares. Pergunte a alguém que viveu essa realidade se não era uma vida ali. Por todo amor que recebi de minha mãe, tenho certeza que a resposta será sim.

- Quantas mães e pais não lutam com todas as forças para proteger a vida de um filho que nasceu prematuro? Quantos não choram quando perdem essa batalha? Essa luta nunca foi nem nunca será em vão. Ela existe porque existe uma vida humana a ser protegida ali. (Bolsonaro, 2022, Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CaS2zewwwaG/?igshid=MzRIODBiNWFIZA=>
=> Acesso em 09, jan. 2024.)

Não nos cabe questionar o quanto Jair Bolsonaro e a equipe por trás de seu Instagram acreditam ou não na própria fala, destaquemos apenas o cinismo na frase “qual o limite dessa desumanização de um ser inocente?” Essa preocupação com a desumanização parece não se estender aos adultos¹⁴, e a desumanização da oposição é uma constante.

Se a esquerda brasileira festejou ou não a liberação do aborto na Colômbia, ou mesmo se tal liberação ocorreu de fato, não é relevante para os nossos propósitos, o que interessa a nossa análise é que a postagem, entretanto, foi feita para afetar as sensibilidades, emocionar e causar revolta. Quando a postagem foi analisada, ela contava com 12.064 (doze mil e sessenta e quatro) comentários, as reações comuns são indignação, revolta, e comoção por conta dessas “vidas inocentes assassinadas”:

¹⁴ Em uma entrevista a Globo, Jair Bolsonaro imitou pacientes com falta de ar, um sintoma comum da Covid-19, e que levou a óbitos por falta de oxigênio em hospitais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>> Acesso em: 24/02/2024.

Figura 4 – Bolsonaroista indignada com a esquerda

Fonte: imagem do autor.

O apelo a “moralidade cristã” é constante no bolsonarismo, questões sensíveis como o aborto são comumente exploradas de modo a gerar comoção e engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos). Na postagem acima referenciada, vemos um comentário de comoção, um comentário de alívio por haver um “homem de Deus” no poder (Jair Bolsonaro), e um comentário agressivo, desejando a morte de mulheres que fazem aborto. A grande maioria dos comentários são uma variação de

“a esquerda é uma ideologia desumana”, “vão pagar diante de Deus”, “a esquerda é movida por demônios”, “cristãos tem que agir contra a esquerda”.

O conceito de comunismo representa, para anticomunistas, um vasto aglomerado de qualidades negativas e nocivas. Como já foi explicitado no início deste tópico, o anticomunismo se desenvolveu em meados do século passado, ele nunca sumiu de nossa sociedade, ele esteve de certo modo, “dormente”, devido a péssima imagem que a ditadura civil-militar deixou em nossa sociedade. Mas dada a conjuntura histórica recente do Brasil, de crise financeira, política e das instituições, ele (o anticomunismo) ressurge mais forte que nunca entre os populares.

Com o estabelecimento da globalização, a diversidade cultural e novos hábitos e costumes da atualidade, o anticomunismo também assume explicitamente seu caráter anti-intelectual, com as instituições educacionais sofrendo a maior onda de ataques da nossa história, pois a educação seria a porta de entrada para toda essa diversidade cultural e seus supostos malefícios para a sociedade cristã.

Filho (2020, p. 42-43) reflete sobre essa questão com perspicácia, o bolsonarismo não é inédito, ele é o retorno do reprimido, daquilo que foi reprimido após a vergonhosa história de nossa ditadura civil-militar. Nós não vivemos uma “onda conservadora”, o Brasil sempre foi conservador, apenas esquecemos disto devido a novidade daquilo que realmente pode ser chamado de onda, que é a nossa curta e frágil democracia. O “fantasma do comunismo” nunca deixou de assombrar o Brasil, esteve tímido devido a curta onda de racionalidade que nos atingiu, e voltou sob nova forma, se tornou um bicho papão que assume a forma dos maiores medos das mentes mais simplórias.

4 O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO OU A HOSTILIDADE CONTRA A CULTURA

A hostilidade dos bolsonaristas para com a “cultura” é bem conhecida por todos, visto que a tendência de artistas, músicos e afins é estar mais à esquerda do espectro político¹⁵, mas tal hostilidade não se resume apenas as artes, e sim as diversas formas de cultura não “tradicional” (a cultura vinda de cima e a qual estão acostumados) e/ou que não fazem parte da cultura ocidental cristã. A contradição da questão é que criticam a cultura, sem entender de cultura... São pessoas com pouca capacidade crítica e que chegam mesmo a vaiar, xingar e boicotar artistas afirmando que eles não entendem a própria obra¹⁶.

Eco cunha a expressão “apocalípticos” para se referir àqueles que são críticos a cultura de massa, que entendem a cultura como um “fato aristocrático”, desenvolvida em um cioso cultivo, assíduo e solitário, de uma interioridade que se opõe a vulgaridade da multidão (Eco, 2015, p. 8), para essas pessoas a cultura de massa é uma anticultura, são “apocalípticos” porque se referem a cultura de massas em um tom apocalíptico, como se atualmente, a cultura “verdadeira” estivesse morta ou em estágio terminal. É interessante o fato de que bolsonaristas são “massa”, mas fingem que não, pensam estar acima dos demais, que são superiores ao povo comum, que possuem valores mais elevados etc., “no fundo, o apocalíptico consola o leitor porque lhe permite entrever, sob o derrocar da catástrofe, a existência de uma comunidade de ‘super-homens’, capazes de se elevarem, nem que seja apenas através da recusa, acima da banalidade média” (Eco, 2015, p. 9).

Bolsonaristas são apocalípticos. São hostis a cultura nacional popular, principalmente aquela cultura de periferia, como o Rap e o Funk, bem como as festas populares, como o Carnaval. Uma das poucas culturas nacionais que raramente é atacada por bolsonaristas – e inclusive produz vários artistas bolsonaristas – é a cultura sertaneja, isso sem dúvidas se deve ao fato de ser uma cultura masculina, que exalta o papel do homem como dominador, que exalta o tradicional e a simplicidade de uma vida no campo, afastada da modernidade e onde predominam valores morais

¹⁵ Relembra a polêmica criada pelo governo e por bolsonaristas sobre a Lei Rouanet. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/03/relembra-a-polemica-criada-pelo-governo-e-por-bolsonaristas-sobre-a-lei-rouanet.ghtml>> Acesso em: 09/01/2024.

¹⁶ Análise: Quem vaia Roger Waters por crítica a Bolsonaro não entende o Pink Floyd. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/10/10/por-que-quem-vaiou-elenao-de-roger-waters-mostrou-que-nao-entendeu-de-pink-floyd.html>> Acesso em: 09/01/2024.

“corretos”, uma cultura patriarcal. Para Stanley (2022, p. 140-141, 148-149) a hostilidade às cidades cosmopolitas é uma característica do fascismo, as grandes cidades abrigam uma pluralidade de culturas, se transformando assim num antro de corrupção, uma fábrica de pervertidos e imorais na visão dos “cidadãos de bem”¹⁷.

Estar inserido na civilização, em contato com a pluralidade, com o que é diferente e principalmente, com aquilo com o que não se concorda, causa o que Freud chama de “mal-estar na cultura” (também pode ser entendido como “civilização”). “Aquilo que chamamos ‘felicidade’, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico” (Freud, 2011, p.20). Sem entrar no mérito da questão sobre o que é o bem e o mal, é fato que a civilização é opressiva, traz a infelicidade por forçar os indivíduos a se conterem, a se reprimirem, a seguirem regras e leis com as quais não concordam ou entendem. Neste sentido, bolsonaristas são infelizes, eles seriam como crianças insatisfeitas com algo, que gostariam de gritar, espernear e talvez quebrar algo, mas não o fazem (apesar disto não ser bem uma regra) por medo de um castigo.

Bauman (2017, p. 29) pensa que Freud, nos tempos atuais, “inverteria seu diagnóstico de bens trocados na transação”. Se no início do século XIX as pessoas abdicaram de sua liberdade em troca de segurança, o mesmo não se dá em fins do século XX e início do século XXI, em nossos tempos há uma ambivalência (na verdade já existia quando Freud fez o seu diagnóstico) em que essa troca de liberdade por segurança e vice versa, nunca se dá de maneira satisfatória. Bauman (assim como Freud) faz uma análise generalista, e usa como centro de sua análise o medo que a sociedade tem do outro, do estrangeiro, fala sobre como a sociedade abre mão da segurança em troca de uma liberdade existencial, parece confuso, uma vez que concordar com a segurança excessiva nos aeroportos, cercar as casas e colocar câmeras de segurança em todos os lugares ainda nos parece uma abdicação da liberdade por segurança.

Para entendermos o pensamento de Bauman temos que ter em conta que a comunidade imaginada tem por pressuposto indivíduos que possuem uma identidade em comum, a existência do outro é necessária para manter essa identidade “ativa” por assim dizer, por mais que abduquem de sua segurança (bolsonaristas ao pedir a

¹⁷ Expressão pela qual os bolsonaristas se autointitulam.

intervenção militar em nome da liberdade, por exemplo, ou quando defendem o uso irrestrito de armas), essas pessoas que buscam a comunidade imaginada ou ideal, se sentem livres em seu próprio mundo composto por iguais. Desse modo, tanto a análise de Freud quanto a de Bauman permanecem válidas para os tempos atuais, a ambivalência na relação/troca entre liberdade e segurança nunca é satisfatória, o senso de liberdade proporcionado pela comunidade imaginada sempre entra em conflito com a obrigação de ter que lidar com a liberdade do outro.

Bolsonarismo e “politicamente correto” são antônimos, a aversão é bem conhecida. Uma queixa comum dos bolsonaristas é que o mundo “está muito chato”, que tudo é ofensivo, e que as coisas estão “fora de ordem”, vivemos em um mundo em que (na ótica bolsonarista) mulheres, gays e minorias têm direitos em excesso, ao ponto de os homens (brancos e héteros) serem agora a minoria oprimida, até falam em “racismo reverso”, “heterofobia”, e mesmo em “cristofobia”. Há sempre um saudosismo presente no discurso bolsonarista, um luto por um passado (neste caso, não se trata de um passado idealizado) em que o homem era “respeitado”, que tinha autoridade para “corrigir” a esposa, os filhos, defender a sua “honra” publicamente, “brincar” com as pessoas sem serem chamados de machistas ou racistas por exemplo.

Desta perspectiva, a sociedade (principalmente a do tempo presente) é sem dúvida opressora, uma fonte de mal-estar, as leis e as normas de convivência impedem que essas pessoas sejam “elas mesmas”, que se comportem como se comportavam sem grandes problemas, a digamos, 15-20 anos atrás, que exerçam seus costumes, com os quais foram criados e viveram boa parte de suas vidas. Considerando-se o lado legal e jurídico, a civilização é construída sobre a renúncia instintual, soma-se a isso a recente onda do “politicamente correto”, e o resultado são “frustrados culturais”. Esses são os bolsonaristas, obrigados a conviver e a respeitar a diversidade cultural, étnica e religiosa, e extremamente insatisfeitos com isto. Daí a hostilidade a políticas de igualdade e diversidade, bem como aos direitos humanos de um modo mais geral.

Como foi dito no início deste tópico, a hostilidade contra a(s) cultura(s) se dá em parte, pela predisposição dos produtores e consumidores de cultura(s), bem como dos professores, artistas etc., estarem mais à esquerda do espectro político. Por trás da hostilidade do autoritarismo contra a diversidade cultural, há um fundo de anti-intelectualismo, uma característica indissociável das novas direitas e do bolsonarismo.

A guerra cultural é um ponto central no bolsonarismo, o bolsonarismo lançou uma nova luz sobre a teoria da conspiração que é o “marxismo cultural”, teoria que ficava mais restrita a ala mais intelectual da direita brasileira e entre os militares.

Rocha (2023, p.55-60) fala de dois elementos que definem o bolsonarismo, o primeiro é a doutrina da DSN (Doutrina de Segurança Nacional), de identificar e eliminar o inimigo, o segundo elemento é o “texto sagrado da família Bolsonaro” (*ibid*, p.56), o Orvil (1987), o documento militar criado em resposta ao livro *Brasil: nunca mais* (1985). O Orvil traz a narrativa dos crimes da esquerda brasileira e das tentativas de se estabelecer a ditadura do proletariado no Brasil, e a mais perigosa delas teria sido a mudança de estratégia da esquerda, que largou a luta armada e se infiltrou nas instituições do Estado e da sociedade civil (Rocha, 2023, p.58-59). De acordo com esta teoria da conspiração, as universidades públicas estariam infestadas de professores doutrinadores, formando outros professores doutrinadores que estariam corrompendo a juventude brasileira. Tal mito resultou num aumento exponencial de hostilidade contra a educação pública e contra os professores, resultando ainda na proposta da *Escola Sem Partido*¹⁸.

A hostilidade contra a educação e contra professores e intelectuais é onipresente em governos autoritários, é uma característica do fascismo, e não poderia estar fora do bolsonarismo, em movimentos fascistas, há apenas um ponto de vista legítimo: o da nação. “As escolas apresentam aos alunos a cultura dominante e seu passado mítico. A educação, portanto, representa uma grave ameaça ao fascismo ou se torna um pilar de apoio para a nação mítica” (Stanley, 2022, p.48).

Para além dos aspectos políticos concernentes a política fascista, consideremos os aspectos ideológicos no que se refere a hostilidade contra a educação e educadores. A grande massa bolsonarista é cristã/conservadora. A educação sempre será vista por tais pessoas como uma ameaça ao seu modo de vida e a formação de seus filhos, estudar, desconstrói mitos e crenças, por exemplo, não é raro ouvir uma pessoa religiosa se referir a um arco-íris no céu no sentido religioso, como consta na Bíblia, retrucar tal comentário com a explicação científica da coisa pode ser entendida como um sacrilégio, a reação dessa pessoa certamente não é positiva. É surpreendente não existir um movimento maior entre os bolsonaristas para

¹⁸ Escola sem Partido’: entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>> Acesso em: 09/01/2024.

a proibição do ensino da teoria da evolução nas escolas (mas tal proibição está implícita no projeto de lei da Escola Sem Partido), a exemplo do que ocorre em alguns estados dos EUA. Não é difícil entender por que os bolsonaristas acreditaram tão facilmente na teoria da conspiração dos professores doutrinadores.

O problema dos bolsonaristas com a Cultura/Civilização (no sentido que Freud utiliza, de tudo que eleva o homem acima da sua condição animal), é que ela os obriga a conviver com as culturas, com a diversidade.

4.1 Vivendo a realidade magicamente

Difícilmente alguém discordaria da constatação de que a realidade “nua e crua” é difícil de suportar e de que as crenças e a fé tornam a vida mais suportável, justamente por isso, há entre os intelectuais não-crentes um certo consenso em aludir ao crente como se este fosse uma criança, uma pessoa imatura, ou até mesmo alguém entorpecido,

“a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade e, tal como a da criança, teria sua origem no complexo de Édipo, na relação com o pai. De acordo com essa concepção, seria possível prever que o abandono da religião terá de se consumir com a mesma inexorabilidade fatal de um processo de crescimento [...]” (Freud, 2021b, p. 111)

Freud fala dessa maneira (religiosa) de lidar com a realidade como um “infantilismo”, que deve ser superado para se poupar energia, ou melhor, redirecioná-la para a construção de uma sociedade racional e menos opressiva, a humanidade permanece a muito tempo em sua infância, seria chegada a hora de crescer, chegar a fase adulta. Nesta perspectiva, a infância da humanidade seria aquele período em que fantasias e amigos imaginários são comuns, em que pensamos em explicações fantásticas para coisas que não entendemos, e a fase adulta seria lidar com a realidade, perceber os problemas e dificuldades como eles são e buscar soluções racionais para enfrentá-los. Dado o que foi dito até aqui, fica claro que a primeira forma de encarar a realidade é mais fácil que a segunda.

Machado e Scalco fazem uma observação interessante e pertinente para a nossa análise, segundo uma pesquisa do DataFolha em 2017, 60% dos eleitores de Jair Bolsonaro tinham entre 16 e 34 anos (Gallego, 2018, p.53). Em seu trabalho, as autoras acompanharam um grupo de jovens do Morro da Cruz (Porto Alegre) para

analisar a sua relação com o consumo de bens e serviços e com a política. Elas perceberam que entre 2014 e 2017 houve um grande aumento de garotas que se declaravam feministas, que participavam das aulas e faziam críticas sociais, enquanto os garotos ficavam mais retraídos, quietos, exceto quando estavam longe delas, em um grupo-focal, e este grupo reunia principalmente apoiadores de Jair Bolsonaro. Vemos neste exemplo uma clara inversão da ordem, de ruptura com o modelo hegemônico de masculinidade predominante nesse meio, uma perda de protagonismo desses garotos. Para as autoras, este é um fator determinante na formação de uma juventude bolsonarista (Gallego, 2018, p.57).

Não é difícil fazer uma conjectura das razões que levaram esses garotos a se identificarem com Jair Bolsonaro e a ficarem receosos perto dessas garotas. Crescerem em uma cultura hegemonicamente masculina, como já citado, sem dúvidas tais adolescentes cresceram encarando o ambiente escolar como um “jogo”, no sentido que J. Huizinga¹⁹ atribui a este termo (inclusive se referindo como “mundo mágico do jogo”), um ambiente em que querem aparecer e se mostrar, pois ser popular é um desejo comum entre jovens na escola, bem como um ambiente de competição pela atenção das garotas, um ambiente em que se sentem a vontade para interagir com essas garotas assobiando, “cantando” elas, até mesmo assediando, tudo isto era considerado normal (e ainda é) para diversas pessoas.

Na ótica desses adolescentes, o mundo ficou chato, algo de fora perturbou a realidade do jogo deles. “Não posso nem mais elogiar uma mina chamando-a de gostosa, é culpa dessa cultura moderna e das feministas”, “não consigo pegar nenhuma das garotas porque estão doutrinadas por essa ideologia feminista”, “as feministas na verdade são feminazis”²⁰. Como então, não se identificar com uma figura desbocada como a do Bolsonaro? Alguém que defende a “ordem normal do mundo”, que aponta o dedo na cara de uma mulher e diz que ela não merece ser estuprada por ser feia? É mais fácil pensar que “elas” estão subvertendo a ordem do mundo do

¹⁹ Os elementos lúdicos são onipresentes em todas as culturas humanas, o “jogo” é uma evasão do mundo real, há uma delimitação de espaço para se jogar, assim como de tempo, ele exige uma ordem suprema e absoluta, e é encarado com certa seriedade pelos participantes, há a competição, há uma tensão para que se chegue a um determinado fim, que não se preocupa com conceitos de bem e mal, mas apenas com a vitória em si, entre outras coisas. São elementos que são facilmente identificados em diversas esferas da vida: no culto, no tribunal, na guerra, em esportes, competições, na música, na dança, na poesia, na filosofia etc.

²⁰“Feminazi” é um termo comum entre jovens reacionários, principalmente liberais e ancaps, que encaram a luta das feministas como uma imposição autoritária, como se essas quisessem subjugar e aniquilar os homens tal como os nazistas tentaram fazer com os judeus.

que tentar acompanhar as mudanças, pensar e se colocar no lugar *delas*, evoluir como pessoa.

Para melhor compreender este ponto, podemos recorrer a Sartre (2012, p. 62), ele define “emoção” como uma “transformação do mundo”, e para melhor entendermos esta afirmação, sobre as diferentes condutas tomadas para se apreender a realidade, ele nos convida a pensar a realidade própria da pessoa como um mapa hodológico²¹, um mapa que varia em função dos atos e necessidades:

Só que, na ação normal e adaptada, os objetos “a realizar” aparecem como devendo ser realizados por certos caminhos. Os próprios meios aparecem como potencialidades que reclamam a existência. Essa apreensão do meio como o único caminho possível para chegar ao objetivo [...] podemos chamá-la a *intuição pragmatista do determinismo do mundo*. Desse ponto de vista, o mundo que nos cerca [...] o mundo de nossos desejos, de nossas necessidades e de nossos atos, aparece como que sulcado por caminhos estreitos e rigorosos que conduzem a esse ou aquele objetivo determinado, isto é, ao aparecimento de um objeto criado. (Sartre, 2012, p. 61)

O mundo é difícil e essa noção de dificuldade não é um produto da reflexão, é uma qualidade que está aí, sendo apreendida pela percepção (Sartre, 2012, p. 61-62), é aqui que a “mágica” acontece, pois, a sua realidade é limitada ao que você percebe (um exemplo básico são as pessoas brancas não perceberem o racismo estrutural e as dificuldades cotidianas que pessoas negras enfrentam). Quanto a ação de transformar o mundo magicamente, Sartre trás outro exemplo bem didático:

[...] estendo a mão para pegar um cacho de uvas. Não consigo pegá-lo, está fora do meu alcance. Sacudo os ombros, torno a baixar a mão, murmuro “estão muito verdes” e me afasto. Todos esses gestos, essas palavras, essa conduta, não são percebidos por eles mesmos. Trata-se de uma pequena comédia que represento debaixo do cacho para conferir às uvas a característica “muito verdes”, a qual pode servir de sucedâneo à conduta que não posso executar. Elas se apresentavam, de início, como “uvas a serem colhidas”. Mas essa qualidade urgente logo se torna insuportável, porque a potencialidade não pode ser realizada. Essa tensão insuportável, por sua vez, torna-se um motivo para ver na uva uma nova qualidade “muito verde”, que resolverá o conflito e suprimirá a tensão. Só que não posso conferir quimicamente essa qualidade as uvas [...] Confiro magicamente à uva a qualidade que desejo. (Sartre, 2012, p. 64-65)

Então, tentar acompanhar as mudanças sociais e culturais, assim como mudar a si mesmo, seria uma atitude racional, lidar com a realidade; alegar que o

²¹ A Hodologia é parte da Neurociência e estuda as conexões entre as células cerebrais, para fins do exemplo utilizado, pensemos em uma rede neural, com seus vários caminhos e conexões possíveis.

mundo está chato e que a culpa do fracasso nas relações com as mulheres, é da ideologia, do feminismo, é transformar a realidade, encarar o mundo emocionalmente, de uma maneira mágica, o mesmo vale para outras atitudes: “não sou racista, o mundo que está chato”, “ele é um homem de Deus, tudo isso que dizem é mentira desses servos do maligno”, “não sou homofóbico, apenas defendo a família e a santidade do casamento entre homem e mulher”, “ela que deveria ter se dado ao respeito e não sair na rua com uma roupa dessas”. Tudo isso é optar por uma conduta mágica para apreender o mundo, é criar imaginários, sobre as mulheres, sobre o feminismo, sobre a política e a cultura contemporânea etc., imaginários que se unem para formar uma mentalidade.

4.2 Imaginários e visões de mundo

Complexo tal qual o estudo das mentalidades, o estudo do imaginário acaba sendo um pouco menos polêmico e mais comum que este, pois seria menos abstrato e menos abrangente. “A história do imaginário não se ocupa propriamente destas longas durações nos modos de pensar e de sentir, mas sim da articulação das imagens visuais, verbais e mentais com a própria vida que flui em uma determinada sociedade” (Barros, 2013, p. 94). Podemos pensar em uma mentalidade como um quebra-cabeças montado, com cada peça sendo um imaginário sobre uma determinada coisa, mas que se interligam.

Quando pensamos na “mentalidade bolsonarista”, pensamos em um conjunto de elementos que compõe essa mentalidade, ou melhor dizendo, diversos itens aos quais os bolsonaristas se posicionam contra: outras crenças, a ciência “ateísta”, estudiosos e professores, feministas, homossexuais, culturas diversas, ativistas dos direitos humanos, socialistas etc., bem como diversos itens que eles se posicionam a favor: o cristianismo, a família, as forças militares, o direito a posse e porte de arma de fogo, o ideal do *self made man*, o estado mínimo etc.

Como ponto de partida, podemos entender um imaginário como um

“conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados” (Wunenburger, 2007, p. 11).

Em outras palavras, um imaginário é formado por um conjunto de imagens e de narrativas que formam uma totalidade mais ou menos coerente e que produzem um sentido (Wunenburger, 2007, p.11), aqui é necessário destacarmos que o estudo do imaginário que empreendemos ao longo deste trabalho não é um estudo iconográfico, mas sim das imagens mentais. Pode-se dizer sem medo de errar, que o maior imaginário criado sobre Jair Bolsonaro foi de que este era um “escolhido de Deus”, a parte sobre ser “incorrutível”, (que também foi amplamente explorada pelos bolsonaristas) seria apenas uma consequência desta qualidade (escolhido de Deus).

Na política bolsonarista há sempre um esforço para se definir um “eles” em oposição a “nós”, “nós”, cidadãos de bem e zeladores da lei, da ordem e da moral, “eles”, desordeiros, criminosos, ameaças, o mesmo pode ser dito de quaisquer políticas fascistas (Stanley, 2022, p. 16). A lógica da coisa faz com que o esforço mental esteja na maior parte do tempo direcionado para se enxergar ameaças e/ou criar inimigos, não se precisa pensar muito sobre o que se é, “*nós* somos cidadãos de bem e é assim que é, *eles* são os diferentes, *eles* são o problema”. Então, aqueles na categoria “nós” - neste caso os bolsonaristas, possuem um imaginário acerca deles mesmos, “somos cidadãos de bem”, e possuem um imaginário acerca dos opositores, cujo um dos termos mais comuns usados pelos bolsonaristas, é “esquerdopatas”. Esquerdopatas, esquerdalhas, petralhada etc., são muitos os termos negativos para se tratar dos inimigos, são termos que carregam um leque de defeitos que rapidamente formam uma imagem que é evocada ao se falar ou se lidar com *eles*. Vamos pensar sobre alguns casos:

. No dia 28/08/2018, no discurso após a confirmação da vitória da disputa eleitoral, Jair Bolsonaro, acompanhado de familiares, amigos e assessores, deu a palavra a Magno Malta para este iniciar o discurso da vitória²², Malta justifica a oração que iria fazer, dizendo que “os tentáculos da esquerda jamais seriam arrancados sem a mão de Deus” (sic). Ao passo que reafirma a ideia (e reforça o imaginário) de que Bolsonaro é um escolhido de Deus, Malta evoca uma imagem “monstruosa” da esquerda ao falar “tentáculos” e ao colocar a “esquerda” como oposta a Deus. Quando a palavra é devolvida a Jair Bolsonaro, ele inicia o discurso agradecendo a Deus e aos médicos

²²Jair Bolsonaro fala ao vivo após ser eleito Presidente do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/BksNm7fDfyg?si=aNCA99EfBhodAAJ>> Acesso em: 09/01/2024.

que salvaram a sua vida após o atentado ocorrido em 06/09/2018²³, reforçando o que foi interpretado por ele e pelos bolsonaristas como uma prova de que ele estava cumprindo uma “missão de Deus”. O título do discurso era “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”;

. No dia 02/01/2019, Jair Bolsonaro faz uma postagem no Instagram, informando que o ministro da educação desmontou a secretaria de diversidade e criou a pasta de alfabetização, o objetivo seria formar cidadãos produtivos para o mercado de trabalho, e não “mentes escravas da dominação socialista”, como supostamente ocorria antes;

. No dia 05/03/2019, Jair Bolsonaro posta um vídeo obsceno no Twitter²⁴ (atual “X”), o ato se passa em um bloco de carnaval e mostra um homem com as nádegas a mostra, aparentando estar inserindo seus dedos no próprio ânus e em seguida permitindo que outro homem urine em sua cabeça. Bolsonaro diz que quer “mostrar a verdade do que tem virado muitos blocos de rua do Carnaval brasileiro”, generalizando como se fosse uma situação comum a todos os eventos carnavalescos do Brasil, bem como inflamando a sua massa de conservadores religiosos.

Pois bem, esses são apenas alguns casos em meio a outras centenas cuja exposição e análise não caberiam nos limites do presente trabalho. No primeiro, evocam uma imagem de Jair Bolsonaro como escolhido de Deus, no segundo evocam uma imagem de uma esquerda formada por “esquerdopatas”, doutrinadores e semeadores da discórdia, no terceiro caso evocam outra imagem de “esquerdopatas” e sua suposta cultura de imoralidades em total oposição a moral cristã.

Uma *imagem* é uma relação da consciência com um objeto, sendo esta também uma consciência, uma organização sintética, imediatamente relacionada com o objeto, mas que não é o objeto (Sartre, 2019, p. 27). “Perceber, conceber, imaginar, estes são, de fato, os três tipos de consciências pelas quais um mesmo objeto nos pode ser dado” (Sartre, 2019, p. 29). Agora voltemos ao caso citado mais acima, do dia 05/03/2019, o homem no bloco de Carnaval.

Na *percepção* você observa os objetos, neste caso o objeto é o homem (Sartre utiliza como exemplo um cubo, cuja apreensão se dá um lado por vez): você

²³ Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>> Acesso em: 09/01/2024.

²⁴ Bolsonaro posta vídeo de ato obsceno e o associa a blocos de Carnaval. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-posta-video-de-ato-obsceno-e-o-associa-ao-carnaval/mobile>> Acesso em: 09/01/2024.

vê um homem com pouca roupa em público e praticando atos sexuais. Estas são as informações que a imagem passa *a priori*, tendo em vista que é próprio da percepção que o objeto só apareça numa série de perfis e seja apreendido sucessivamente (Sartre, 2019, p. 29).

Quando se *concebe* a imagem do homem no bloco de Carnaval, ela evoca um conceito, se capta a ideia de uma só vez (“homem fazendo algo que eu reprovo”), mas não significa que a ideia não tenha necessidade de se completar (Sartre, 2019, p. 30), por exemplo, o contexto festivo sugere que o homem está bêbado ou drogado, seu ato de “brincar” com o ânus e o gesto passivo de deixar outro homem urinar nele sugerem que o homem é homossexual e um pervertido sexual (está fora da norma), além de tudo há o público geral, que por não impedir aquilo e continuar a festejar, aparentemente compactuam com o ato.

Enquanto que a *imaginação* neste caso é quase autoexplicativo, ela é o ato de engendrar e utilizar imagens, um bolsonarista poderia imaginar que o homem no bloco de Carnaval é um pagão ou ateu, que é um esquerdopata, que usava as *hashtags* “ele não” e “fora bolsonaro”, que defende bandidos (como comumente acusam a quem defende os direitos humanos) etc.

Uma imagem pressupõe um conhecimento prévio, ela não gera uma consciência, uma consciência encontra sua forma quando se depara com uma imagem, então quando se pensa em uma imagem, ela traz um saber imediato, o que Sartre chama de *pobreza essencial da imagem*, pois uma imagem não ensina nada além daquilo que a consciência tem dela. A imagem nunca é e nunca apreende a totalidade do objeto, mas sem o exercício contínuo de apreensão deste objeto, ele se torna a imagem que você tem dele: quando os bolsonaristas deixam de tentar apreender seus opositores, eles se tornam a imagem estereotipada que eles possuem destes, “esquerdopatas”; quando deixamos de tentar apreender o bolsonarismo, ele se torna a imagem estereotipada que temos dele.

Palavras como esquerda, esquerdopata, esquerdalha, petralhada, socialismo, comunismo, feminismo, direitos humanos, entre outras, representam um saber imediato e negativo que os bolsonaristas possuem e rapidamente agrupam na categoria “eles”, formando assim o imaginário sobre “eles”. O mesmo poderia ser dito da palavra “bolsonarismo” para os não-bolsonaristas, ela encerra signos, sentimentos e saberes, mas nada além do que temos consciência. Deste modo, um dos objetivos deste estudo seria ir além da pobreza essencial do bolsonarismo.

5 CONCLUSÃO

Visões de mundo e mentalidades são termos comuns nas mais diversas áreas das ciências humanas, ao menos foi o que pudemos verificar em nossa pesquisa, entretanto, há uma certa relutância ou receio em fazer análises a partir desta perspectiva, o que se deve em parte ao desconhecimento e o desinteresse por essa área, bem como ao pensamento de que este é um assunto datado, superado ou mesmo inadequado. A impressão que temos é que isso se deve tanto a tendência a se democratizar o conhecimento (o que é bastante louvável), quanto a condição de nossos tempos, que é a hiperespecialização.

Por um lado, a democratização do conhecimento leva a atitude que na maior parte do tempo é justa e deve ser encorajada, em que aquele que estuda e possui certa formação acadêmica não deve se colocar em uma posição superior a pessoa “comum”, mas por vezes tal atitude leva a uma complacência perigosa, que (no nosso caso) pode facilitar a tendência que faz com que a história feita por historiadores seja deslegitimada por amadores e por pessoas que nem sequer chegam a ser amadores, tratada muitas vezes como “mera opinião ou distorção dos fatos feita por burros doutrinados”. Esse é um pensamento amplamente difundido em círculos da direita e da extrema-direita política, sem dúvida alguma é uma certeza comum aos bolsonaristas.

Por outro lado, a hiperespecialização acaba conduzindo a produção historiográfica ao “produto da moda”. A história das mentalidades, ou a psico-história, não está na moda, talvez nunca esteve, ao menos no Brasil, logo, acaba tendo a validade e a necessidade questionada mesmo entre os pares. Quase com certeza as principais objeções a essa história se resumem a afirmação de que “isso está superado, ninguém mais faz”, e a pergunta “para o quê e para quem vai servir esse tipo de história?”.

Pois bem, Barros (2013) faz uma contribuição enorme e extremamente necessária para o campo da historiografia, tanto abordando e demonstrando didaticamente os diversos campos e especialidades da História, possíveis novos objetos de estudos, como trazendo os pontos fortes e fracos, pós e contras, mostrando que, as diversas abordagens e especialidades, mesmo as que não são populares, não necessariamente são superadas ou datadas, em alguns casos basta apenas que o pesquisador tenha audácia e perspicácia para trabalhá-lo. O que é claro, não significa

apenas tirar uma metodologia do baú e aplicá-la em um determinado objeto de estudo, mas perceber suas falhas, o que pode ser melhorado, e como aplicá-las em um problema condizente, o que quase sempre irá envolver alguma forma de interdisciplinaridade.

Devemos admitir que não há uma demanda por uma história das mentalidades/psico-história. O empreendimento aqui conduzido partiu da nossa audácia. Esse tipo de história nos pareceu uma boa opção para tratar de um problema relevante e atual, que é o bolsonarismo e tudo que ele ocasionou, principalmente o impacto causado nas relações sociais, ainda tão presente em nossa sociedade, e o agravado descredito que as instituições educacionais sofreram desde então. Ainda permanecemos divididos entre “bolsonaristas” e “não-bolsonaristas”. Buscamos com o trabalho atual enveredar por uma “nova” perspectiva para o estudo do fenômeno bolsonarista, pois, quando não temos a impressão de que falta algo em determinada análise, nos parece que boa parte das análises a respeito parecem sofrer do que Sartre chama de “pobreza essencial da imagem”: ao falarmos ou ouvirmos a palavra “bolsonarismo”, evocamos uma série de informações selecionadas, que retemos por consideramos as mais relevantes, formando então uma imagem/conceito do bolsonarismo. Acontece que essa imagem/conceito não pode nos ensinar nada, ela não produz novas informações.

Geralmente começados falando dos nossos problemas sociais e políticos para explicar o bolsonarismo, como se este fosse um sintoma, não queremos afirmar estritamente o contrário, mas tentamos no presente trabalho considerar o caminho inverso, partir do bolsonarismo para pensar o problema social/político, colocando de outra forma, deitar o cliente no divã e buscar as causas do problema chegando ao inconsciente do mesmo. Não precisamos escolher entre um ou outro ponto de partida, podemos pensar ambos visando com isso obter um diagnóstico mais completo. Não é porque os bolsonaristas formam uma massa que são sujeitos passivos. São indivíduos com desejos, insatisfações e visões de mundo, que, dado o momento e as condições, acabaram encontrando um meio de se unirem e de se mostrarem (as redes sociais), assim como um representante (Jair Bolsonaro).

As diversas manifestações bolsonaristas que ocorreram ao longo do mandato de Jair Bolsonaro, bem como a tentativa de golpe no 08/01/2023, atestam que o bolsonarismo é um problema que não pode ser ignorado, da perspectiva do estado democrático de direito, suas reivindicações não têm nenhuma base material ou real,

por assim dizer, são puros delírios provocados pelos afetos: ódio ao *outro*, impotência contra o peso da realidade, medo de mudanças etc. Bolsonaristas vivem em um mundo próprio regido pelo dualismo bem/mal, certo/errado, fazendo juízo de valor de acordo com uma compreensão débil da realidade, e como tal, continuam representando uma ameaça para o já citado estado democrático de direito.

Podemos visualizar uma ampliação deste estudo através da escolha de outras redes sociais como fonte de dados. No presente trabalho foi possível constatar essa mentalidade bolsonarista porque o Instagram possui um ambiente que favorece a troca de informações rápidas, um lugar onde os usuários constantemente “rolam o *feed*” e olham os stories (que em sua maioria são de 15 segundos) em busca de novos conteúdos, e o ambiente do Instagram estimula a recepção do conteúdo e reações rápidas ao mesmo, como comentar, curtir e compartilhar. Outras redes sociais, como o Facebook e o Telegram, possuem mais o aspecto de uma comunidade, contando inclusive com grupos voltados para temas/objetivos específicos, tais lugares poderiam ser mais propícios para se estudar os imaginários da mentalidade bolsonarista.

Por fim, o nosso empreendimento busca chamar a atenção tanto para os benefícios que podemos obter com a interdisciplinaridade, bem como resgatar a ideia do trabalho intelectual e o orgulho por fazê-lo, a ideia de que é possível ser familiar a mais de um saber, e de se afirmar como detentores de saberes, mesmo os que não estão na moda. Visões de mundo existem, mentalidades existem, e cabe a cada indivíduo conduzir e formar a sua própria, tendo o direito e o dever de não discriminar ou ser discriminado por outras formas de pensar, por outras mentalidades, mas isso não deve resultar em complacência do pesquisador/intelectual. Parafraseando o ilustre Isaac Asimov, é preciso acabar com esse relativismo exacerbado e essa falsa ideia de que na democracia, a ignorância é tão boa quanto o conhecimento. Como produtores do saber, temos por dever e responsabilidade aspirar a intelectualidade e incentivar o mesmo.

REFERÊNCIAS

Fontes:

AOS Fatos. Bolsonaro mentiu mais de quatro vezes por dia durante governo. Disponível em <<https://www.aosfatos.org/noticias/mentiras-bolsonaro/#:~:text=Ao%20longo%20de%20quatro%20anos,vezes%20por%20dia%20%7C%20Aos%20Fatos>> Acesso em 09, jan. 2024.

AMIEL Internacional. Bolsonaro: “As minorias têm que se curvar às maiorias”. Disponível em <<https://youtu.be/6clkWMKeDhs>> Acesso em 09, jan. 2024.

BRASIL de Fato. Bolsonaro bate 5 mil mentiras desde 2019; #BolsonaroMentiroso e #BolsonaroDay crescem nas redes. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2022/04/01/bolsonaro-bate-5-mil-mentiras-desde-2019-bolsonaromentiroso-e-bolsonaroday-crescem-nas-redes>> Acesso em 09, jan. 2024.

CARTA Capital. Bolsonaro compartilha texto que diz que aliança com Putin salvou a democracia no Brasil. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-compartilha-texto-que-diz-que-alianca-com-putin-salvou-a-democracia-no-brasil/>> Acesso em 09, jan. 2024.

CARTA Capital. Milhares de bolsonaristas pedem intervenção militar após vitória de Lula. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/politica/milhares-de-bolsonaristas-pedem-intervencao-militar-apos-vitoria-de-lula/>> Acesso em 09, jan. 2024.

CAMPOS, João Pedroso de. Doze vezes em que Bolsonaro e seus filhos exaltaram e acenaram à ditadura. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/doze-vezes-em-que-bolsonaro-e-seus-filhos-exaltaram-e-acenaram-a-ditadura/>> Acesso em 09, jan. 2024.

CNN. Bolsonaro tem 58 milhões de seguidores nas redes sociais; Lula, 24 milhões. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-tem-58-milhoes-de-seguidores-nas-redes-sociais-lula-24-milhoes/>> Acesso em 09, jan. 2024.

DOMINGO Espetacular. Jair Bolsonaro fala ao vivo após ser eleito Presidente do Brasil. Disponível em <<https://youtu.be/BksNm7fDfyg?si=aNCA99EfBhodAAJ->> Acesso em 09, jan. 2024.

EXAME. “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em <<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>> Acesso em 09, jan. 2024.

G1. Bolsonaro diz que contaminação é mais eficaz que vacina contra Covid; especialistas contestam. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e->

[mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml](#)> Acesso em: 24/02/2024.

G1. Bolsonaro imitou paciente com falta de ar durante transmissões ao vivo na internet em 2021 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>> Acesso em: 24/02/2024.

G1. 'Escola sem Partido': entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>> Acesso em 09, jan. 2024.

G1. Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. Disponível em <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>> Acesso em 09, jan. 2024.

G1. Relembre a polêmica criada pelo governo e por bolsonaristas sobre a Lei Rouanet. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/03/relembre-a-polemica-criada-pelo-governo-e-por-bolsonaristas-sobre-a-lei-rouanet.ghtml>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. "A um ano me elegiam presidente, obrigado pela missão". Disponível em <https://www.instagram.com/p/B4LavpCBUtq/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. "Diretora da OMS não recomenda que vacina da covid-19 seja obrigatória". Disponível em <https://www.instagram.com/p/CGpRRr7B7ND/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. "Esquerda brasileira festeja liberação do aborto na Colômbia". Disponível em <https://www.instagram.com/p/CaS2zewvwaG/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. "Estou bem". Disponível em <https://www.instagram.com/p/BnbvJJ1HYov/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. "Foro de SP". Disponível em <https://www.instagram.com/tv/B34q27BhQKN/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. "Manifestações pacíficas e jogar dentro das quatro linhas". Disponível em <https://www.instagram.com/p/CnLJTBlrSbw/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. “Não acredite na mídia fake news”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/B9re8bMn1z9/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. “O problema da Venezuela”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BnUMfzyHq52/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. “PT e ditaduras amigas”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BnvvK3Bnibv/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. “Todos estão contra mim”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BxVP1W6nGef/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. “Vidas poderiam ter sido salvas se a Hidroxicloroquina não tivesse sido politizada”. Disponível em <<https://www.instagram.com/tv/CFr06z7Beop/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JAIR Bolsonaro. “Vistam toda a armadura de Deus”. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CkUmzQMOdKs/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>> Acesso em 09, jan. 2024.

JARDIM, Lauro. Uma mensagem olavista-delirante que Bolsonaro repassou em seu grupo de zap. Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/uma-mensagem-olavista-delirante-que-bolsonaro-repassou-em-seu-grupo-de-zap.html>> Acesso em 09, jan. 2024.

PODER 360. No Acre, Bolsonaro fala em ‘fuzilar a petralhada’, e enviá-los à Venezuela – 1º set. 2018. Disponível em <https://youtu.be/p0eMLhCcbYQ?si=YDaJr5W_5mMKi921> Acesso em: 04, jan. 2024.

UOL. Análise: Quem vaia Roger Waters por crítica a Bolsonaro não entende o Pink Floyd. Disponível em <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/10/10/por-que-quem-vaiou-elenao-de-roger-waters-mostrou-que-nao-entendeu-de-pink-floyd.htm>> Acesso em 09, jan. 2024.

VEJA. Bolsonaro posta vídeo de ato obsceno e o associa a blocos de Carnaval. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-posta-video-de-ato-obsceno-e-o-associa-ao-carnaval/mobile>> Acesso em 09, jan. 2024.

Bibliografia básica:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Denise Bottman (Trad.) 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALEXANDRE, Ricardo. **E a verdade os libertará**: reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. 1º ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

BARROS, José D'Assunção; *et al.* **História digital**: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

BARROS, José D'Assunção. **História e pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. 9º ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca de segurança no mundo atual. Plínio Dentzien (Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **O retorno do pêndulo**: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. Joana Angélica D'Ávila Melo (Trad.) 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Pérola de Carvalho (Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2015.

FILHO, José Adilson. *Et al.* **Brasil em tempos sombrios**. São Paulo, SP : Editora Liber Ars, 2020.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Renato Zwick (Trad.) 2º ed. Porto Alegre: L&PM, 2021b.

FREUD, Sigmund. **O homem Moisés e a religião monoteísta**. Renato Zwick (Trad.) Porto Alegre: L&PM, 2018.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Paulo César de Souza (Trad.) São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Renato Zwick (Trad.) Porto Alegre: L&PM, 2021a.

GALLEGO, Esther Solano. *Et al.* **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Osmyr Faria Gabi Júnior (Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HOBBSAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Maria Célia Paoli; Anna Maria Quirino (Trad.) 10º ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento de cultura. João Paulo Monteiro (Trad.) 9º ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LE GOFF, Jacques. Et al. **A história nova**. Eduardo Brandão (Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7º ed. Bernardo Leitão (Trad.) Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho"**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Acesso em: 14 abril 2024.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo**: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Paulo Neves (Trad.) Porto Alegre: L&PM, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário**: psicologia fenomenológica da imaginação. Monica Stahel (Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Bruno Alexander (Trad.) Porto Alegre: L&PM, 2022.

STARLING, Heloisa Murgel. **A máquina do golpe, vol. 1**: engrenagens militares e apoio externo: 1964: como foi desmontada a democracia no Brasil. Companhia das Letras, 2024. *E-book*.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Maria Julia Cottvasser (Trad.) São Paulo: Brasiliense, 2004.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Maria Stela Gonçalves (Trad.) São Paulo: Edições Loyola, 2007.